

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

KÁTIA FLORES FONTOURA

**O uso das Mídias para a aplicação da Lei
10.639/03 nos Anos Iniciais do Ensino
Fundamental**

**Porto Alegre
2018**

KÁTIA FLORES FONTOURA

**O USO DAS MÍDIAS PARA A APLICAÇÃO
DA LEI 10.639/03 NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador (a): Prof. Dr. Felipe Becker Nunes

**Porto Alegre
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Prof^a.Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof.Leandro Krug
Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida
Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse e esteve presente ao longo de minha vida, que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Agradeço a minha mãe Lúdia Teresinha Flores Fontoura, mulher negra e guerreira que me ensinou que a educação nos liberta, que sempre me deu apoio me incentivando nas horas mais difíceis de desânimo e cansaço.

A minha filha Laryssa Flores Fontoura que me mostra todos os dias que lutar por nós e por nossos iguais sempre valerá a pena.

Aos meus pequenos Allan, Livia e Luiza que me alegram e que amo incondicionalmente.

As minhas colegas de trabalho Adriana, Clarice e Inajara, amigas que levarei para vida.

Aos meus alunos, razão maior deste trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Felipe Becker Nunes que desde o primeiro dia do curso se fez presente, me auxiliando com empenho e dedicação à elaboração deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

A escola é um ambiente em que convivem uma infinidade de pessoas, onde a diversidade étnico-racial pode ser observada diariamente. Um dos objetivos gerais da escola deve ser o de preparar seus educandos para viver em sociedade, sociedade está cheia de preconceitos, discriminações e práticas racistas. O trabalho em questão foi desenvolvido com o objetivo de investigar práticas de consciência e valorização da cultura africana e afro-brasileira que estão sendo desenvolvidas nas escolas do ensino fundamental, a partir da Lei 10.639/03, utilizando os diferentes tipos de mídias e tecnologias disponíveis aos professores do ensino fundamental, da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre, que buscam evitar práticas racistas no ambiente escolar e conseqüentemente fora dele. O estudo em questão foi realizado através de uma pesquisa quase experimental com análise qualitativa. Primeiramente, foi feito um estudo a partir de trabalhos já desenvolvidos sobre o mesmo tema. A partir deste estudo, foi desenvolvido um experimento com turmas de quarto ano do ensino fundamental e um questionário semiestruturado com os professores que lecionam na mesma escola. O estudo em questão foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Larry José Ribeiro Alves, no bairro Restinga, em Porto Alegre/RS. A partir do estudo em questão pode-se concluir que os professores conhecem o que diz a lei 10.639/03, mas que ainda não estão conseguindo aplicá-la, pois, a maioria não conhece a cultura africana e afro-brasileira. Algumas atividades estão sendo desenvolvidas individualmente sobre a temática utilizando as mídias disponíveis na escola. A falta de um trabalho coletivo faz com que casos de racismo ocorram e sejam tratados de formas diferentes, inclusive como simples brincadeiras.

Palavras-chave: racismo; lei; diversidade étnico-racial; mídias nos anos iniciais.

ABSTRACT

School is an environment in which a multitude of people live, where ethnic-racial diversity can be observed daily. One of the general objectives of the school should be to prepare its students to live in society, that society that is full of prejudices, discrimination and racist practices. The work in question was developed with the objective of investigating practices of awareness and appreciation of African and Afro-Brazilian culture that are being developed in elementary schools, based on Law 10.639/03, using different types of media and technologies available to the elementary school teachers of the Municipal Education Network of Porto Alegre, who seek to avoid racist practices in the school environment and, consequently, outside it. The study in question was carried out through a quasi-experimental research with qualitative analysis. Firstly, a study was made based on works already developed on the same theme. From this study, an experiment was developed with fourth-year primary school classes and a semi-structured questionnaire with teachers, who teach at the same school. The study in question was carried out at the Municipal School of Primary Education Professor Larry José Ribeiro Alves, in the neighborhood of Restinga, in Porto Alegre/RS. From the study in question it can be concluded that the teachers know what is written in the Law 10.639/03, but they are not yet able to apply it, since most of them do not know African and Afro-Brazilian culture. Some activities are being developed individually on the subject using the available media in the school. The lack of collective work causes cases of racism to occur and be treated in different ways, including as simple jokes.

Keywords: racism; Law; ethnic-racial diversity; technology in the early years.

LISTA DE FIGURAS

Figura A- Alunos na sala de Projeção da escola assistindo ao filme Kiriku.....	31
Figura B - Alunos na sala de Projeção da escola assistindo ao filme Kiriku.....	31
Figura C - Pesquisa no laboratório de informática da escola.....	33
Figura D - Desenho sobre a história “O Menino Mestre e o Rei Zumbi.....	35
Figura E - Alunos jogando o jogo “As viagens do tambor”.....	45
Figura F - Alunos em uma roda de conversa com a Mestre Professora Daniele Vieira.....	47
Figura G - Caminhada pelas Terras do Quilombo dos Alpes.....	48
Figura H – Conversa com a Griô Janja.....	48
Figura I - Painel Essa é a Minha Cor.....	60
Figura J- Painel Negros que se destacam no Brasil.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PNBE	Programa Nacional de Biblioteca na Escola
SECAD	Sistema de Educação Continuada a distância
SMED	Secretaria Municipal de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e estatística
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
EAD	Ensino a Distância
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	JUSTIFICATIVA.....	16
3	OBJETIVOS.....	18
	3.1. OBJETIVO GERAL.....	18
	3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
4	REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
	4.1. LEI 11.645 DE 2008 E A FORMAÇÃO DOCENTE NO USO DOS TICs.....	19
	4.2. APROPRIAÇÃO DA LEI 11.645 DE 2008 COM O USO DE MÍDIAS.....	21
	4.3. TRABALHOS RELACIONADOS.....	22
5	METODOLOGIA.....	27
	5.1. PARTICIPANTES.....	27
	5.2. DESIGN DO ESTUDO.....	28
	5.3. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	28
	5.4. ANÁLISE DE COLETA DE DADOS.....	29
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	30
	6.1. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO ENTREGUE AOS PROFESSORES.....	53
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
	APENDICE A.....	66
	APENDICE B.....	71

1. INTRODUÇÃO

A busca pela comunicação sempre fez parte da vida humana. Desde que nascemos precisamos nos relacionar com os outros por diversos motivos: por necessidade de se comunicar, de aprender, de ensinar, de se relacionar, de exigir melhores condições de vida, bem como de melhorar o ambiente externo, de expressar desejos e vontades¹.

Atualmente com a utilização da informática, mais especificamente o uso da internet, tal comunicação se tornou mais rápida. Com a introdução da internet as pessoas passaram a ter o acesso as informações de uma maneira instantânea, às vezes não muito segura, mas a informação circula a todo momento com muita rapidez, o que acaba refletindo na forma como as pessoas aprendem e conseqüentemente na área da educação em geral que possibilita muitas possibilidades educativas. De acordo com Edgar Manuel Moran

O aluno aumenta as conexões linguísticas, as geográficas e as interpessoais. As linguísticas, porque interage com inúmeros textos, imagens, narrativas, formas coloquiais e formas elaboradas, com textos sisudos e textos populares. As geográficas, porque se desloca continuamente em diferentes espaços, culturas, tempos e adquire uma visão mais ecológica sobre os problemas da cidade. As interpessoais, porque se comunica e conhece pessoas próximas e distantes, da sua idade e de outras idades, on-line e offline. (MORAN, 1997, p.6)

O uso das mídias no contexto educacional visando a promoção de mudanças nos processos de ensino aprendizagem e do ambiente educacional, vem tomando uma proporção cada vez maior. O uso de televisores, rádios, jornais e revistas, vem sendo substituído pelo uso de computadores, tablets e até mesmo aparelhos de celular, tornando a internet de suma importância, quando bem explorada poderá tornar-se um importante elo entre o aluno e o processo de aprendizagem conforme destaca Moran:

A internet é uma tecnologia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Essa motivação aumenta, se o professor a faz em um clima de confiança, de abertura, de cordialidade com os alunos. Mais que a tecnologia, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem é a capacidade de comunicação autêntica do professor, de estabelecer relações de confiança com os seus alunos, pelo equilíbrio, competência e simpatia com que atua. (MORAN, 2008, p. 06)

¹ O processo de socialização: indivíduo, sociedade e cultura. Disponível em: https://www.unitins.br/BibliotecaMidia/Files/Documento/BM_633856684394224298apostila_aula_2.pdf

Se em tempos anteriores o livro didático era a principal ferramenta de pesquisa, hoje temos o uso do aparelho celular que propicia a quem utiliza o envio mensagens através de e-mails, sites de relacionamentos ou aplicativos de Messenger, registro de atividades através de gravações de áudio, vídeo, digitação de trabalhos, além de outras tecnologias. Apesar de apresentar tantas tecnologias e recursos, o celular não é visto com bons olhos pela maioria das escolas, pois muitas vezes acabam tirando a atenção dos alunos em sala de aula, tirando o foco do aprendizado para outras atividades que o aparelho proporciona. Como cita Moran:

Muitos alunos se perdem no emaranhado de possibilidades de navegação. Não procuram o que está combinado, deixando-se arrastar para áreas de interesse pessoal. É fácil perder tempo com informações pouco significativas, ficando na periferia dos assuntos, sem aprofundá-los, sem integrá-los em um paradigma consistente. Conhecer se dá ao filtrar, selecionar, comparar, avaliar, sintetizar, contextualizar o que é mais relevante, significativo. (MORAN, 2018, p.7):

Com base nisso e na lei que existe em alguns estados muitas escolas proibem o uso do aparelho na sala de aula. No Rio Grande do Sul durante o governo de Yeda Crusius em 2008 foi sancionada uma lei proibindo o uso do aparelho celular na sala de aula. De acordo com a Lei 12.884, de 03 de janeiro de 2008, fica claro que:

Art. 1º – Fica proibida a utilização de aparelhos de telefonia celular dentro das salas de aula, nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul.

Parágrafo único – Os telefones celulares deverão ser mantidos desligados, enquanto as aulas estiverem sendo ministradas.

Art. 2º – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. (Rio Grande do Sul, 2008)

É preciso que a escola esteja integrada a sociedade, e se a mídia faz parte da sociedade é necessário que as ferramentas digitais, como os dispositivos móveis, por exemplo, sejam vistas com bons olhos pela comunidade escolar e façam parte do dia a dia na escola. Existem diferentes ferramentas que podem ser utilizadas no ambiente escolar. Das mais antigas como jornais, revistas, livros didáticos, televisão, rádio, etc. Até as mais modernas como Wikipédia, WebQuest, YouTube, Pixton podcast, Moodle, etc.

A utilização de dispositivos móveis, tais como aparelhos smartphones, celulares e tablets é conhecida como Mobile learning ou m-learning, que é uma modalidade de educação a distância (EAD). A correta utilização do mobile learning no ambiente educacional demonstra que os profissionais ligados a educação visualizam o grande potencial dessa

modalidade². Em vez de combater a utilização dos dispositivos móveis, tais profissionais aproveitam-se deles para melhorar o desempenho de seus alunos.

Utilizar as ferramentas digitais como aliados ao processo educativo é um dos papéis que a escola deve cumprir. Cabe ao professor realizar o planejamento prévio das atividades que for desenvolver. O uso das diferentes mídias dentro do processo de ensino e aprendizagem deve ser muito bem planejado para que sejam alcançados objetivos pré-determinados, assim como o papel do professor neste processo e o planejamento das atividades e recursos mais apropriados, devendo mesclar mídias antigas e novas.

A utilização de diferentes ferramentas de ensino de nada valerá se não forem planejadas de acordo com as especificidades dos alunos e projeto que estiver sendo desenvolvido. E para que isso ocorra é necessário que a instituição de ensino tenha uma infraestrutura adequada, formação dos professores, manutenção dos equipamentos, etc., mas infelizmente não é o que observamos na maioria das escolas da rede pública. Como cita Falavigna

Um dos problemas que continua acontecendo é a falta de formação dos docentes, além da manutenção dos computadores de um coordenador pedagógico para orientar os projetos das diferentes disciplinas do currículo. Sem falar, é claro, da ausência de uma política educacional para essa área. (FALAVIGNA, 2012, p.18)

A escola tem como objetivo preparar o aluno para viver em sociedade, no entanto o que víamos eram atividades realizadas dentro da escola que nada tinham a ver com a realidade vivida fora dos muros da escola. Hoje através da informática os professores têm a oportunidade de fazer a ligação entre os conteúdos estudados na escola com a realidade vivida por seu educando através da utilização de diferentes ferramentas.

Uma forma bem consciente de utilizar as mídias é trabalhar o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, públicas e particulares, não só do ensino fundamental, mas também do ensino Médio. Buscando desta forma, através da conscientização combater toda e qualquer forma de preconceito, sendo assim num ambiente em que a discriminação racial ainda se faz presente, que é a escola, devemos incluir no planejamento escolar atividades que valorizem as relações étnico raciais, fazendo um resgate da história dos povos negros de uma forma diferente da que estamos acostumados, aquela que apresenta o negro sempre como o escravizado, o humilhado, etc. Para Munanga

² Da WebAula. Disponível em: <http://www.webaula.com.br/index.php/pt/acontece/noticias/3285-mobile-learning-metodologias-ead>

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.16)

Munanga também diz que “não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas”, mas em alguns casos a lei se faz necessária para que a cultura negra não esquecida pelos estabelecimentos educacionais. Assim como esclarece a Lei 10.639/03:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.
Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’.”(Brasil, 2003, p.1)

Entendo que teoricamente estamos na era da diversidade, onde todas as diferenças são aceitas, onde o racismo pouco é admitido, por tanto não se é tratado pelos professores ou não é tratado da maneira como deveria ser, o que só torna o problema do racismo ainda maior. A partir da falta de atividades relacionadas a diversidade cultura da população brasileira foi necessário a criação de leis para que tal prática seja estabelecida. E com base nisto a Lei 10639 teve que ser modificada pela Lei 11.645 de 2008, segundo ela:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.
§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.
§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Se estamos em uma época conhecida como a era digital, devemos utilizar estes recursos neste processo de conscientização e valorização da cultura negra combatendo qualquer forma de racismo e contribuindo para as relações étnico raciais positivas.

Atualmente as escolas públicas da rede Municipal de Porto Alegre, contam com poucos recursos, tais como livros didáticos, livros de literatura, folhas xerocadas, folhas brancas, papel pardo, lápis de cor, giz de cera, sala de informática com computadores para serem utilizados em duplas, sala de vídeo com data show, rádio, caixas de som com entrada para pen drive, algumas com um pouco mais recursos outras com um pouco menos. A partir deste contexto é de suma importância encontrar projetos desenvolvidos na área das relações étnicas raciais que tenham utilizado tais recursos, para que possamos a partir destes propor novas intervenções.

Diante deste contexto, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de buscar projetos desenvolvidos a partir da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, referente ao ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, nas escolas de ensino fundamental da rede pública de Porto Alegre, utilizando os diferentes recursos e mídias que as escolas possuem.

2. JUSTIFICATIVA

A intenção de pesquisar sobre o tema surge em um momento em que, eu como professora negra, estudante do curso Mídias em Educação me questiono sobre como as mídias vem auxiliando os professores dos anos iniciais, da Rede Municipal de Porto Alegre no desenvolvimento de projetos sobre a valorização e conscientização da cultura africana e afro-brasileira combatendo assim toda e qualquer forma de racismo. Como cita Cavaleiro:

Na medida em que os profissionais da educação não percebem a existência do racismo no sistema de ensino, tampouco a discriminação racial no cotidiano escolar, esses não desenvolvem em suas práticas pedagógicas e nas relações interpessoais com seus alunos, em como entre seus alunos, atividades de valorização da população negra e de combate à discriminação racial. Seu diálogo, suas falas não se mostram eficazes para o combate ao racismo, visto que eles próprios em suas análises e falas revelam uma sorte de ideias preconcebidas em relação a brancos e negros. Porém, para os primeiros essas se apresentam, em sua maioria, de maneira positiva e, para os segundos, de maneira negativa. (CAVALLEIRO, 2005, p.99):

Compreendo que o racismo nas escolas muitas vezes aparece velado, tornando quase impossível de ser identificado, mas conseguir clarear esses conflitos étnicos e buscar meios para combatê-los é algo que deva ser pesquisado e divulgado por todos os profissionais ligados a educação. Silva (2015) explica que:

O cotidiano das escolas brasileiras é marcado por uma educação que exclui, segrega as crianças negras. Reproduzindo uma pedagogia do silêncio, não contemplando em seus currículos a história do povo negro, exaltando apenas os padrões eurocêntricos. Desta forma a criança negra não se reconhece dentro deste contexto escolar, ela não consegue enxergar-se, pois a escola trabalha com conteúdo e práticas que desvalorizam a pessoa negra. (SILVA, 2015, p.20)

Para Munanga (2005) o primeiro passo para uma educação antirracista é nos conscientizarmos que vivemos sim em uma sociedade racista. Segundo ele:

Embora concordemos que a educação tanto familiar como escolar possa fortemente contribuir nesse combate, devemos aceitar que ninguém dispõe de fórmulas educativas prontas a aplicar na busca das soluções eficazes e duradouras contra os males causados pelo racismo na nossa sociedade. A primeira atitude corajosa que devemos tomar é a confissão de que nossa sociedade, a despeito das diferenças com outras sociedades ideologicamente apontadas como as mais racistas (por exemplo, Estados Unidos e África do Sul), é também racista. Ou seja, despojarmo-nos do medo de sermos preconceituosos e racistas. Uma vez cumprida esta condição primordial, que no fundo exige uma transformação radical de nossa estrutura mental herdada do mito de democracia racial, mito segundo o qual no Brasil não existe preconceito étnico-racial e, conseqüentemente, não existem barreiras sociais baseadas na existência da nossa diversidade étnica e racial, podemos então enfrentar o segundo desafio de como inventar as estratégias educativas e pedagógicas de combate ao racismo. (MUNANGA, 2005, p.18)

A questão que se faz presente é de que formas os profissionais ligados a educação poderão contribuir para que crianças negras possam participar efetivamente das aprendizagens e conviver dentro do ambiente onde sua identidade seja respeitada sendo livre de todo e qualquer tipo de violência e discriminação, onde sua cultura e suas origens sejam valorizadas. De acordo com Eliane Cavalleiro (2005) “como professores (as) ou cidadãos (ãs) comuns, não podemos mais nos silenciar diante do crime de racismo no ambiente escolar”.

Sendo assim é importante que os educadores incluam no planejamento de suas atividades escolares temáticas sobre a cultura negra utilizando as diversas mídias e tecnologias para que possam atingir um número maior de crianças, que hoje vivem imersas no mundo das novas tecnologias. Compreender com este processo está acontecendo, quais iniciativas pedagógicas estão sendo planejadas, me parece fundamental. Silva (2015) explica:

[...] a história do povo brasileiro não dever ser recuperada a partir de padrões culturais e estéticos, trazendo o branco como superior, mas uma história que é capaz de resgatar a sua própria cultura e identidade, uma história na qual a pessoa negra seja compreendida como um sujeito social. Entretanto é fato que muito ainda precisa ser feito, para que a lei 10.639/03 realmente se efetive nas escolas, para que seja presente de forma integral no currículo escolar. (Silva, 2015, p.25).

Acredito que esta pesquisa e suas descobertas possam levantar dados que nos auxiliem a refletir sobre iniciativas na área da educação que permitam aos professores perceberem e combaterem a discriminação racial dentro do ambiente escolar, através da conscientização, promovendo assim as relações étnico raciais positivas. Utilizar as mídias e tecnologias como aliadas neste processo poderá contribuir positivamente no surgimento de novas propostas curriculares na educação (CARVALHO, 2009).

Pretendo compreender de que forma prática, o uso das mídias vem fazendo parte do fazer pedagógico, contribuindo de uma forma consciente no combate ao racismo escolar. Acredito a partir do que for pesquisado poderei propor possíveis propostas de trabalho.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

A seguinte problemática de pesquisa foi elaborada para esta pesquisa: como estimular a construção do conhecimento e valorização da cultura africana e afro-brasileira no ensino fundamental?

O objetivo deste trabalho é investigar práticas de consciência e valorização da cultura africana e afro-brasileira envolvendo a utilização dos diferentes tipos de mídias e tecnologias disponíveis aos professores e alunos, dos anos iniciais do ensino fundamental, da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre.

3.2 Objetivos específicos

- Desenvolver o projeto sobre a consciência negra com alunos do 4º ano do ensino fundamental;
- Através de um questionário semiaberto analisar se a lei 10639/03 é do conhecimento dos professores da Rede Municipal de Educação em Porto Alegre e de que forma ela está sendo aplicada;
- Identificar como as mídias estão sendo utilizadas pelos professores no desenvolvimento de projetos sobre a consciência negra;
- Coletar ideias que foram trabalhadas em sala de aula na educação para as relações étnico raciais utilizando as mídias.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Há aproximadamente 15 anos, as escolas da educação básica nacional, da rede pública e privada, são obrigadas a incluir a temática “História e cultura afro-brasileira” no seu currículo oficial, através da lei 10639/03. A partir de 2008 a lei foi modificada pela Lei 11.645/2008 e ficou estabelecido que:

Art. 1o O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Aspectos como o estudo da história africana e afro-brasileira, descritos na lei 10.639/03 foram incorporados aos currículos escolares da educação básica a partir de então.

4.1 Lei 11.645 de 2008 e a formação docente com o uso das TIC

Através da Lei 10.639/03 modificada pela lei 11.645/08, busca-se resgatar a contribuição desses povos nas áreas social, econômica e política para a formação da nação brasileira. No entanto, observa-se que a aplicação da lei de fato não ocorre, na maioria das vezes em função da formação dos professores que relutam com o desenvolvimento de tais temáticas, alguns por falta de interesse, outros por falta de formação ou informação. E neste caso há a necessidade da ampliação dos cursos de formação continuada para desconstrução de estereótipos existentes em torno das expressões socioculturais da população negra e indígena (que não é a foto deste projeto de pesquisa) a qual a lei se refere (PEDROSA et al., 2016).

Apesar de historicamente o Brasil ser conhecido como o país da diversidade cultural e misturas de raças, as escolas da educação básica não tinham essa diversidade representada nos seus currículos escolares oficiais, o que acabava gerando diferenças, preconceitos,

segregação, baixos índices de rendimento, em especial da população negra, reprovação, conflitos, racismo e outras dificuldades.

De acordo com Savoia (1989) os seres humanos fazem parte de diversos grupos sociais e é por meio desses grupos que o processo de socialização ocorre. Tendo assim, como agentes socializadores, três grupos: a família, a escola (agentes básicos) e os meios de comunicação em massa. Segundo o autor, o primeiro contato que o ser humano tem, ao nascer, é a família: primeiramente, com a mãe, por meio dos cuidados físicos e afetivos, e, paralelamente, com o pai e os irmãos, que transmitem atitudes, crenças e valores que influenciarão no seu desenvolvimento psicossocial.

Num segundo momento, tem a interferência da escola. Geralmente, nessa fase, o indivíduo já traz consigo referências de comportamentos, de orientação pessoal básica, devido ao contato inicial com a família. Já os meios de comunicação em massa são considerados como agente socializador, diante das inovações tecnológicas na atualidade histórica, porém nem sempre eles têm consciência do seu papel no processo de socialização e na formação da personalidade do indivíduo. (SAVOIA, 1989).

A inclusão da cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares com o objetivo de inserir o negro no processo educativo visando a valorização da diversidade e o respeito as diferenças, traz uma questão que deve ser elucidada. Como os professores e demais envolvidos no processo educativo poderão contribuir se muitas vezes não conhecem a temática?

A formação dos professores passa a ser prioridade, visto que a maioria, se não todos, tiveram uma formação eurocêntrica no qual a história afro-brasileira e africana e lhes foi negada ou foi contada do ponto europeu. Enquanto não tivermos profissionais habilitados para trabalharem com as questões raciais inclusivas, de nada adiantará leis que obriguem inserir a temática nos currículos escolares. Cabe ao poder público criar meios para que isso se torne possível, seja através de cursos de formação, momentos de discussão no próprio ambiente de trabalho e fornecendo os recursos didáticos necessário.

Portanto, nós, educadores (as) brasileiros (as), necessitamos urgentemente contemplar no interior das escolas a discussão acerca das relações raciais no Brasil, bem como de nossa diversidade racial. Nessa linha, é preciso não só boa vontade e sensibilidade dos profissionais da educação, mas também o fornecimento de material didático-pedagógico antirracista e recursos auxiliares aos professores para que possam ministrar aulas combatendo o preconceito e a discriminação raciais. É com esse objetivo que a Secad publica este livro. Trata-se apenas de um dos instrumentos – não mais nem menos importante que outros – na luta antirracista no cotidiano escolar. Esse esforço vai no sentido de contribuir para que se forje uma educação inclusiva, livre de preconceitos, democrática e não etnocêntrica (CAVALLEIRO, 2005, p.14).

Nesta mesma linha de pensamento os profissionais da educação também não foram educados através do uso das mídias, mais especificamente através do uso da internet. Muitos não utilizam por não possuir a habilidade para tal ou por não conseguir entender que ao utilizar as mesmas o professor passa a ser um facilitador. A maioria das vezes nós educadores recebemos a formação que os professores são os detentores do saber e quando nos deparamos com as mídias que fazem parte do mundo dos nossos educandos, muitas vezes optamos por não as utilizar, para não correr o risco de ter que assumir que neste quesito nossos alunos muitas vezes detém o saber e tornam-se nossos professores.

Ensinar utilizando a Internet pressupõe uma atitude do professor diferente da convencional. O professor não é o “informador”, o que centraliza a informação. A informação está em inúmeros bancos de dados, em revistas, livros, textos, endereços de todo o mundo. O professor é o coordenador do processo, o responsável na sala de aula. Sua primeira tarefa é sensibilizar os alunos, motivá-los para a importância da matéria, mostrando entusiasmo, ligação da matéria com os interesses dos alunos, com a totalidade da habilitação escolhida. (MORAN, 2005, p.4)

Enfim, os profissionais ligados às instituições educacionais, precisam urgentemente de formação, seja sobre a aplicação da Lei 10.639/03, modificada pela Lei 11.645/08 e para o uso das mídias e tecnologias no ambiente escolar. Cabe ao poder público criar meios para tal, infelizmente talvez esses meios tenham que ser de forma obrigatória ou continuaremos com leis que existem mais não são aplicadas.

4.2 Apropriação da Lei 11.645 de 2008 com o uso das mídias

De acordo com a Lei 10639/03, modificada pela lei 11.645 de 2008, é obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados. Uma das alternativas que podem ser utilizadas para a aplicação da lei de forma efetiva aos alunos é utilizar as mídias digitais ou impressas, ou seja, utilizar livros didáticos, livros de literatura, jornais, revistas, gibis, laptops, celulares ou tablets para aprender pois é através do uso de diferentes mídias que os alunos têm acesso a informação de diferentes portadores, possibilitando assim novas aprendizagens.

De acordo com Munanga (2005) as escolas ainda não estão organizadas para lidar com

A problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas, por tanto somente utilizar diferentes tipos de mídias não será suficiente para que a Lei 10.639/03 seja colocada em prática. Para Munanga (2005)

Partindo da tomada de consciência dessa realidade, sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar. No entanto, alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. Na maioria dos casos, praticam a política de avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana. (MUNANGA, 2005, p.17)

Para que a lei 10.639/03 seja aplicada de fato além do uso de diferentes mídias é necessário que os educadores e professores estejam dispostos a modificar o currículo escolar e incluir a história e cultura africana e afro-brasileira, como diz a lei

4.3 Trabalhos Relacionados

A primeira pesquisa analisada foi “As Relações Étnico-raciais no Cotidiano Escolar: Reflexões a Partir de uma Escola Pública no Município de Pilões/PB” (SILVA, 2015). A pesquisadora responsável foi a Professora Eduarda Plácida de Souza Silva, da Universidade Estadual da Paraíba. A pesquisa tinha como objetivo refletir sobre as relações étnico-raciais no cotidiano escolar, tentando compreender de que forma as ações que perpassam este ambiente de socialização, como o racismo, práticas discriminatórias, refletem no processo de construção da identidade da criança negra.

A pesquisa foi bibliográfica e de campo, realizada com alunos do 3º ano do ensino Fundamental de uma escola de rede pública na cidade de Pilões /PB. Com a pesquisa chegou-se à conclusão que a presença de padrões da cultura eurocêntrica ainda está muito presente na educação brasileira, contribuindo para negação da identidade das crianças negras, prejudicando sua autoestima, o prometendo sua relação com o outro e com o que está ao seu redor. Ficou claro que a temática a qual a lei 10.639/03 ainda é invisível no currículo escolar e que poucos conhecem o que diz a lei.

Diferente dos resultados listados acima, tal pesquisa diferencia-se da minha, pois através de um questionário preenchido pelos professores, pude perceber que os professores sabem o que diz a lei, mas estão tendo dificuldades para colocar a mesma em prática.

A segunda pesquisa analisada foi “Literatura de Temática Africana e Afro-brasileira no PNBE do Ensino Fundamental: um estudo sobre o conto popular de matriz africana” (RUIZ, 2018). A pesquisadora responsável foi a Professora Uiara Cristina de Andrade Ruiz, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). A pesquisa teve como objetivo garantir através da literatura um ambiente escolar onde o respeito à diversidade étnico-racial fosse garantido. A pesquisa foi bibliográfica e experimental. Segundo Uiara Cristina de Andrade Ruiz:

Para isso, elegemos as obras do Programa Nacional Biblioteca da Escola, que se destina à formação de leitores do Ensino Fundamental II, cujas obras tratam da temática africana e afro-brasileira. Assim, a partir do levantamento dessas obras no acervo da instituição pesquisada, observamos que as histórias mapeadas eram, em sua maioria, contos e recontos provenientes da tradição oral. A partir desses dados, realizamos o trabalho de recepção com diferentes obras que apresentavam uma dialogia com a temática abordada na obra *A tatuagem* (2012), de Rogério Andrade Barbosa, incluída no acervo da instituição pesquisada. O trabalho de recepção foi realizado com alunos do 6º ano, do Ensino Fundamental II, de uma escola pública do município de Inúbia Paulista, situado no Estado de São Paulo. Pautamos em pressupostos teóricos da teoria da Estética da Recepção, preconizados por Jauss (1994) e Iser (1996), e no Método Receptional, de Bordini (1993) e Aguiar (1993) para o desenvolvimento da proposta. (RUIZ, 2018, p.8)

O uso de obras literárias traz um grande leque de possibilidades a serem trabalhadas com os alunos, o trabalho com a obra escrita, assim como, a realização de atividades com griôs me trouxeram ideias que pude utilizar durante a pesquisa. Seja quando trabalhamos com a história “O menino Mestre e o Rei Zumbi – a arte da capoeira” ou quando visitamos o Quilombo dos Alpes, em Porto Alegre e escutamos histórias da griô Rosângela da Silva Elias mais conhecida como Janja. O trabalho com a obra literária é muito rico, pois além das histórias geralmente temos as imagens para serem analisadas, assim como relata Heloisa Pires Lima:

“Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo”. (Lima, 2000, p.101)

Apesar de trabalhar sobre a mesma temática, tal pesquisa difere da minha, pois baseia-se na leitura de obras literárias para ampliar o horizonte de expectativas dos leitores sobre a cultura afro-brasileira e africana com alunos do sexto ano do ensino fundamental. A pesquisa que realizei utilizou, além de obras literárias, outras mídias para trabalhar sobre a temática, além de ser realizada com outro público, que são os anos iniciais do ensino fundamental.

A terceira pesquisa analisada foi - A Questão Étnico-Racial na Educação Básica: contribuição da escola no processo de “auto identificação racial” das crianças e adolescentes – (SILVEIRA, 2017), a pesquisadora foi Jhennifer Cristine da Silveira, da Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa teve como objetivo analisar a percepção das crianças e adolescentes matriculados na educação básica pública em relação às atividades pedagógicas que lhes são ofertadas pelas escolas e sua contribuição no processo de auto identificação racial de seus estudantes.

O método de pesquisa foi quantitativo, que envolveu entrevistas semiestruturadas, realização de oficina, aplicação de questionário e análise do Projeto Político Pedagógico da Escola. A atividade foi desenvolvida em uma escola estadual de educação básica, localizada no bairro Monte Cristo, em Florianópolis. Ao término da pesquisa chegou-se à conclusão que a maior parte dos envolvidos na pesquisa não possui referenciais suficientes relativos às características dos grupos étnico-raciais para se auto identificar racialmente, declarando-se branco, amarelo, pardo ou negro, principalmente os negros e pardos.

Apesar da Lei 1639/2003, já estar consolidada e ter trazido alguns avanços na inclusão da temática nos currículos escolares, o ambiente escolar continua sendo um espaço de discriminação racial e de hierarquização das diferenças. Junto a isso, temos o fato dos professores não se sentirem responsáveis por esse processo e não terem propriedade acerca da temática das discussões étnico-raciais e, por conseguinte, da necessidade de maior formação específica.

Apesar do público diferenciado, a pesquisa realizada foi similar com a minha, envolveu entrevista, questionários, realização de oficinas na sala de aula e no laboratório de informática. Também concluiu que alguns professores não se sentem responsáveis, seja por abordar a temática que diz a lei 10639/93 ou por intervir quando situações de racismo acontecem no ambiente escolar, o que traz muitos prejuízos ao processo educativo, não só para a população negra, como da população em geral, como cita Kabengele Munanga:

“O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional”. (Munanga, 2000, p.16)

Cabe não só aos professores, mas a todos os envolvidos no processo educativo, se comprometerem com o ensino da cultura africana e afro-brasileira, contribuindo para as relações étnico raciais positivas, evitando assim que casos de racismo ocorram dentro e fora do ambiente escolar.

A quarta pesquisa analisada foi “Mídias e Lúdico no Ensino da Cultura Afro-brasileira” (PEREIRA, 2016). O pesquisador responsável foi Thiago Maciel Pereira, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. A pesquisa tinha como objetivo entender as mudanças pelas quais passa a educação e qual papel do professor nas melhorias do processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa foi experimental, realizada com alunos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Primário Maria Carmem Vieira Moreira em Redenção no Ceará. Com a pesquisa chegou-se à conclusão que aplicação das mídias e do lúdico para auxiliar a parte teórica, de forma a tornar o ensino da cultura africana mais prazeroso é fundamental e de responsabilidade de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

A pesquisa foi muito útil para a elaboração do meu trabalho, que também é sobre a aplicação da lei 10.639/93, a partir do uso de mídias. Acho importante quando Thiago Maciel Pereira afirma que:

“A Lei 10.639/03 propõe também novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas”. (Pereira, 2016, p.11)

A pesquisa é similar com a que realizei, apesar de ser direcionada ao ensino médio. A mesma trouxe esclarecimentos sobre a herança africana e suas contribuições culturais para o Brasil, a inserção das mídias na educação, a importância das atividades lúdicas no processo de ensino aprendizagem, heranças culturais da música negra e sua aplicação nas aulas e sobre

experiências através das mídias e do lúdico nas aulas de cultura afro-brasileira no ensino médio.

5. METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi quase experimental com análise qualitativa. Durante a pesquisa explicativa desenvolvida neste trabalho, foi determinada a utilização da modalidade quase-experimental, sendo definida por Rockers et al. (2015) como o processo que estima o tamanho do efeito causal, usando variações exógenas na exposição de interesses, que não são controladas diretamente pelo pesquisador. A partir de pesquisas já desenvolvidas sobre o mesmo tema, foi definido quais os objetivos que queria atingir e quais os métodos que utilizaria para tal, optando por desenvolver um experimento com turmas de quarto ano do ensino fundamental e analisar questionários semiestruturados, que foram respondidos pelos professores do ensino fundamental.

A pesquisa foi caracterizada como qualitativa, pois foram analisadas informações mais complexas, como o comportamento, os sentimentos, as expressões e demais aspectos que foram observados durante este objeto de estudo. Através da coleta de dados baseada em questionários semiestruturados, dando ao entrevistado maior liberdade para expor o seu ponto de vista sobre o assunto em questão e no desenvolvimento do experimento com os alunos. A pesquisa qualitativa baseia-se na observação cuidadosa dos ambientes onde o sistema está sendo ou será utilizado, do entendimento das várias perspectivas dos usuários ou potenciais usuários do sistema (WAINER, 2007).

5.1 Participantes

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Larry José Ribeiro Alves, em Porto Alegre com duas turmas de 4º ano do ensino fundamental e com os professores da mesma. A turma B11 no turno da manhã tem 30 alunos com idades entre 9 a 12 anos de, sendo 13 meninos e 17 meninas, destes 13 se declaram brancos, 11 se declaram pardos, 5 se declaram negros e 1 indígena. A turma B12 no turno da tarde, tem 25 alunos, sendo 14 meninos e 11 meninas, com idades entre 9 e 12 anos, destes 8 se declaram brancos, 7 se declaram pardos e 9 se declaram negros.

Responderam ao questionário 20 professores, sendo o Diretor da escola e a vice-diretora, duas orientadoras educacionais, uma monitora, e quinze professores dos anos iniciais das diversas áreas do conhecimento.

5.2 Design do Estudo

Dei início ao projeto buscando embasamento teórico em projetos de pesquisa, que me auxiliaram no entendimento sobre como o processo de incorporação das Mídias na aplicação da lei 10.639/93, modificada pela lei 11645/08, estão sendo utilizadas neste contexto.

Após o estudo, planejei um experimento que em princípio seria desenvolvido em aproximadamente 15 dias, mas que em função de alguns fatores acabou durando aproximadamente 45 dias para ser concluído, pois a escola estava em greve e os alunos não apresentavam boa frequência. Em função da greve, alguns dias os alunos tinham carga horária reduzida e quando isso acontecia a maioria dos alunos também não frequentava, a escola está inserida em uma comunidade carente e quando chove mais de 50% dos alunos não frequenta a aula, etc.

Apesar dos contratemplos citados, o projeto que dei o nome de Consciência Negra (Apêndice B), pôde ser concluído, os alunos realizaram as atividades conforme está previsto na lei 10.639/03, trabalhando sobre a cultura africana e afro-brasileira utilizando as mídias que a escola dispõe. A descrição das atividades está contida no projeto construído, que está disponível no Apêndice A. O experimento serviu para analisar como os alunos reagem a temática sobre a cultura africana e afro-brasileira, como as relações étnicas raciais vem acontecendo no ambiente escolar e como o processo de ensino aprendizagem acontece com a utilização de diferentes mídias.

Além do experimento, entreguei a alguns professores da escola em que o projeto foi desenvolvido, um questionário semiestruturado (Apêndice A) para saber o que os professores sabem sobre a Lei 10639/93 e o que os mesmos tem desenvolvido nesta temática, assim como o que tem realizado em função dos casos de racismo que acabam acontecendo no ambiente escolar e quais as mídias que estão sendo utilizadas neste processo.

5.3 Instrumentos de Coleta de Dados

Durante a realização do experimento fui observando a maneira como os alunos interagem ao utilizar as mídias, através de suas falas e comportamentos fui analisando como a temática ia sendo abordada, e o que os alunos iam absorvendo do que estava sendo desenvolvido. Além das observações, os alunos faziam registros diários que eram entregues ao final da aula para serem analisados.

As rodas de conversas também foram um instrumento de coleta de dados, pois através das falas os alunos acabam expondo angustias ou dificuldades que enfrentavam referente às relações étnicas raciais. O momento após o receio era o mais conflituoso, onde tínhamos que conversar sobre os conflitos que ocorriam no recreio, que geralmente estavam relacionadas as questões raciais.

O questionário foi enviado aos professores através de e-mail, mas os mesmos puderam escolher a forma que iriam responder e devolver. As perguntas do questionário foram de múltipla escolha e dissertativas. Este instrumento teve custo baixo, além de ser fácil aplicação. Os professores utilizaram como recurso o correio eletrônico (e-mail), o WhatsApp e alguns preferiram entregar em mãos. Como embasamento teórico na construção deste instrumento foram utilizados livros impressos, livros em PDF, artigos on line, materiais xerocados e vídeos do YouTube.

5.4 Análise dos Dados

Após a aplicação do questionário, analisei qualitativamente as diferentes experiências dos colegas, o que os mesmos sabem sobre a lei 10639/93, o que tem feito para colocá-la em prática, quais as mídias que utilizam como aliada em suas atividades, qual a conduta que está sendo adotada em relações aos casos de racismo e o que suas experiências tem a contribuir para outros professores.

Com a conclusão do experimento com os alunos pude analisar as diferenças comportamentais em relação ao conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e africana, a identidade racial dos mesmos e as relações étnico raciais no ambiente escolar.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A primeira atividade realizada pelos alunos foi relatar por escrito os conhecimentos prévios sobre: África, escravidão no Brasil, cultura afro-brasileira, personalidades negras e escravidão.

Os alunos da turma B11, no turno da manhã em sua maioria escreveram sobre o período de escravidão, não sabendo distinguir muito bem que a escravidão aconteceu também no Brasil, que os negros eram trazidos da África e escravizados no Brasil. Relataram alguns fatos sobre a escravidão tais como: os negros foram trazidos da África pelos portugueses em navios negreiros, que eram obrigados a trabalhar como escravos, que aqueles que ao trabalhavam sofriam muitos castigos, que em função disso alguns se suicidavam e algumas mulheres acabavam cometendo aborto para que seus filhos não sofressem como elas. Dos conhecimentos sobre a África sabiam que era um lugar quente onde viviam muitos negros, que viviam em diferentes grupos, que algumas tribos africanas gostavam de vestir roupas coloridas. A maioria dos alunos acha que a África é um país e não um continente.

Os alunos da turma b12 demonstraram um conhecimento maior sobre o continente africano, relataram que a África é um continente distante do Brasil, que tem lugares muitos bonitos, que os negros que foram trazidos de lá para o Brasil em navios negreiros trouxeram vários costumes que os brasileiros utilizam até hoje alguns ainda acham que a escravidão ocorreu na África e não no Brasil, que lá tinham índios e que os negros eram escravizados por serem negros e sofriam muitos castigos. Relataram que no Brasil teve escravidão, que foi ruim para o Brasil, mas que os negros lutaram muito para acabar com a escravidão. A maior preocupação relatada pelos alunos foi sobre o racismo e o sofrimento que ele causa, alguns alunos deram exemplos de práticas racistas que acontecem.

A atividade foi importante para delinear a forma como os conteúdos sobre a cultura negra e afro-brasileira deveriam ser abordados. Apesar de serem turmas de mesmo ano ciclo são turmas diferentes e devem ser respeitadas em suas diversidades. Sendo a educação um direito de todos é importante conhecer os alunos e a partir do que sabem fazer novas abordagens. Assim como cita Fernando Henrique Cardoso:

“A educação é um direito de todos, e o Brasil de hoje, graças aos esforços realizados nos últimos anos, já está muito próximo de ter todas as suas crianças na escola. Isso é essencial para a construção de um Brasil mais justo. Mas não é suficiente. É preciso, ainda, que a educação tenha qualidade, que sirva para abrir os espíritos, não para

fechá-los, que respeite e promova o respeito às diferenças culturais, que ajude a fortalecer nos corações e mentes de todos os brasileiros o ideal da igualdade de oportunidades”. (Cardoso, 2000, p.9)

Na segunda atividade desenvolvida com os alunos (Figura A e B), assistimos o filme: Kiriku³ - os homens e as mulheres. O filme foi assistido na sala de vídeo da escola que conta com um projetor de imagens, uma tela branca e um computador com internet. Após assistir ao filme retornamos para sala de aula e realizamos uma roda de conversa sobre o filme, onde os alunos relataram fatos que aconteceram no filme, onde se passa a história, características dos personagens, etc.; logo após entreguei aos alunos uma folha para que fizessem o relatório do filme por escrito e através de desenho utilizando o giz de cera cor de pele da Printkor



Figura A e Figura B - Alunos na sala de Projeção da escola assistindo ao filme Kiriku

Fonte: dados do experimento realizado pela autora

Na turma b11, Kiriku foi o personagem mais desenhado da história, seguido pelo menino tuaregue, a feiticeira karabá, os guardiões e os demais personagens. Os alunos gostaram do filme por vários motivos, sendo a parte que o menino tuaregue matou uma pantera a que chamou mais atenção.

Durante a realização do desenho um menino questionou sobre o lápis cor de pele (lápis de cor salmão que durante muito tempo e ainda nos dias de hoje é chamado de cor de pele), fizemos uma discussão na turma sobre as diversas tonalidades da cor da pele e que, portanto, não poderia um lápis de cor ser chamado de cor de pele, utilizamos o giz de cera cor

³ Disponível em :< <https://youtu.be/WobIEGQkkXg>>

de pele para exemplificar, comparando a cor de cada aluno com os gizos que estavam disponíveis para colorir os personagens.

O aluno não ficou convencido e durante o desenho optou por não colorir seus personagens com o giz de cera, utilizou o seu lápis de cor salmão e desenhou o menino tuaregue, um dos personagens que tinha a pele mais clara. Outro fato importante foi o aluno (M), que ao relatar o que achou do filme disse que havia gostado por que “gostava de pessoas assim”, indaguei os alunos o que eram pessoas assim, e o aluno meio sem jeito respondeu que gostava de pessoas negras, a palavra negra quase não deu para ser escutada, solicitei ao aluno que escrevesse em seu trabalho então a palavra negro no lugar da expressão “pessoas assim”, o aluno concordou e refez o trecho do trabalho entregando logo após.

A menina (K) ao relatar o que achou do filme disse que gostou por que o mesmo ensinava como “eles viviam”, quando questionada quem eram eles, não conseguiu falar a palavra negros, entregando o relatório como estava. O aluno (L) ao fazer o relatório disse que gostou do filme pois não era racista e o filme era sobre “pessoas de cor”, questionei o que eram pessoas de cor e ele disse que não podia falar pois iria ofender as pessoas.

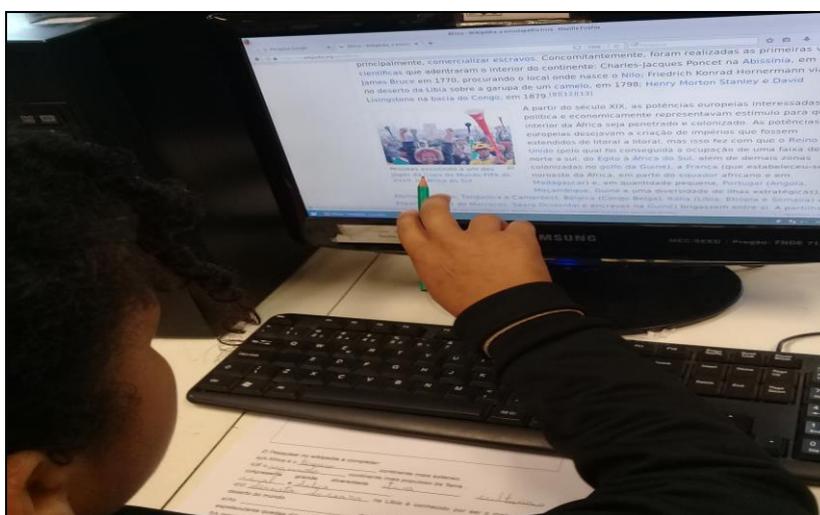
Assim como os alunos turma b11, na turma b12 Kirk também foi o personagem mais desenhado da história, seguido pelo menino tuaregue, a feiticeira Karabá, os guardiões e os demais personagens. Os alunos gostaram do filme por vários motivos, mas diferente dos alunos da turma b11 que escolheram a parte que o menino tuaregue matou uma pantera como a que chamou mais atenção, os alunos da turma b12 gostaram mais das danças e cantos africanos que apareciam no final das histórias contadas pelo mestre griô que narrava a história. Os alunos disseram gostar muito de ver o Kiriku tocando flauta e a Karabá apesar de má ter se juntado ao grupo no final da história para cantar um canto africano.

Os alunos também apresentaram certa resistência em falar o termo negro e muitas vezes se referiam aos personagens como índios, precisando de minha intervenção para que identificasse os personagens como sendo negros. O aluno (M) disse que tinha gostado do filme por que era muito educativo para as crianças, pois histórias assim ensinavam muitas coisas. Quando solicitei que ele explicasse sobre o que eram histórias assim o aluno baixou o olhar como se estivesse ofendendo alguém ou como se estivesse envergonhado por ter que pronunciar a palavra negro.

Cotidianamente vemos a imagem do negro associada às questões negativas, no ambiente escolar não é diferente, tal fato faz com que as crianças associem a palavra negro ao que é feio e muitas vezes evitam pronunciá-la com medo de ferir ou ofender alguém, assim como em alguns momentos utilizem a mesma palavra para ofender ou discriminar. Cabe aos professores dialogar com seus alunos sobre tais preconceitos, valorizar igualmente a todos os sujeitos e reconhecer nas suas diferenças, as suas características, inclusive as relacionadas a seu pertencimento racial. Trabalhar com as questões sobre identidade racial fazem parte deste processo. Assim como cita Cuti:

“Tendo a palavra em foco servido para ofender, no momento em que o ofendido assume-a dizendo “eu sou negro”, o que ocorre é que ele dá a ela um outro significado, ele positiva o que era negativo. Aqui acontece algo estranho para quem ofende. Se a palavra perde o poder de ofender, ele, o ofensor, perde um instrumento importante na prática (discriminação) e na manutenção psíquica (o preconceito) do racismo”. (Cuti, 2010, p.5)

A terceira atividade realizada com os alunos foi uma pesquisa no laboratório de informática (Figura C), onde os alunos tinham que ler um texto no Wikipédia sobre o continente africano. Nesta atividade pude perceber que os alunos já estavam um pouco mais familiarizados com a temática. Durante a realização da atividade, os alunos tinham que completar algumas frases conforme o que fossem lendo no texto online. Além de conhecerem algumas curiosidades sobre o continente africano, pude ensinar algumas coisas de informática aos alunos, tais, como, ampliar a fonte para leitura utilizando as teclas Ctrl e +, o uso do botão esquerdo do mouse, como pesquisar no Wikipédia, etc.



(Figura C - Pesquisa no laboratório de informática da escola)

Fonte: dados do experimento realizado pela autora

Após a pesquisa retornamos para a sala de aula, onde em grupos os alunos realizaram

atividade de localização cartográfica, identificando os continentes existentes do Planeta Terra no livro didático e colorindo conforme as cores que apareciam no livro, os alunos identificaram os continentes recortando e colando os nomes nos continentes, após oralmente nomeamos os continentes e oceanos do planeta e analisamos quais oceanos banham o Continente africano, quais os vizinhos, etc. Antes do início do projeto, muitos alunos ao se referirem a África falavam como se a mesma fosse um país ou um lugar qualquer. Nesta aula eles tiveram uma visão simplificada do continente africano passando a entender que a África é um continente.

Na turma B11 os alunos realizaram a atividade tranquilamente e ainda fizeram relações do que estavam lendo com o que tinham visto no filme “Kiriku-os homens e as mulheres”. Em uma das frases que falava que a população africana é constituída por diferentes povos negros que também há expressiva quantidade de brancos, sendo que os grupos mais importantes eram. Os alunos conseguiram associar o menino Kiriku por suas características físicas aos pigmeus e o menino tuaregue aos tuaregues.

Na turma B12 três alunos ainda estão em processo de alfabetização e a estes dei uma atenção maior, para que todos conseguissem concluir a tarefa. Diferente da atividade quando realizada em sala de aula, na medida que os alunos iam concluindo suas tarefas podiam entrar em sites de jogos e ficar jogando, enquanto seus colegas concluía a tarefa. Utilizando o site de pesquisa, os alunos realizaram a atividade de uma forma mais dinâmica, pois além dos conceitos, os mesmos tinham acesso as imagens o que facilitou a pesquisa. Apesar de terem realizado as mesmas atividades dos alunos da b11, a turma simplesmente completou as questões sem fazer questionamentos.

Quando se trabalha com a internet aliado ao processo educativo é preciso estar atento que nem todos os envolvidos interagem com a mesma intensidade, seja pelo interesse e entendimento dos assuntos, das relações que ele consegue fazer e até mesmo das habilidades necessárias para operar as mídias. José Manuel Moran (2005) diz que “é importante que o professor fique atento ao ritmo de cada aluno, às suas formas pessoais de navegação. O professor não impõe; acompanha, sugere, incentiva, questiona, aprende junto com o aluno”.

Na quarta aula realizei com a turma uma hora do conto com o livro “O menino Mestre e o Rei Zumbi – a arte da capoeira”. Após contar a história realizei com os alunos a interpretação oral da história e os mesmos fizeram um desenho (Figura D) sobre a história em folha A4, utilizando o Giz de cera cor de pele da Pintkor (Projeto Uniafro).



(Figura D - Desenho sobre a história “O Menino Mestre e o Rei Zumbi”)

Fonte: dados do experimento realizado pela autora

Os alunos da turma b11, em sua maioria, desenharam o principal personagem da história em diferentes momentos, quando o mesmo veio aprisionado em um navio negreiro com toda a sua família, outros desenharam o Menino Mestre encontrando os animais na floresta quando decidido fugir para o Quilombo, outros desenharam o personagem já no Quilombo encontrando o Zumbi e um grupo de quatro alunos não concluiu o desenho e nem escreveu sobre o que deveria ter desenhado. Ao observar os desenhos, algumas falas dos alunos me chamaram a atenção:

“Eu desenhei a História do Menino Mestre, o menino que morava na África e foi sequestrado. Eu desenhei o menino Mestre indo para o Quilombo dos Palmares.” (Menino negro)

Os alunos começam a ter noção sobre o que foi o período da escravidão e que os negros que vieram da África para serem escravizados no Brasil não aceitaram tal situação e buscavam sua liberdade de diversas maneiras, dentre elas fugir para o Quilombo. Através de frases simples os alunos vão relatando a luta dos negros em busca de sua liberdade:

“Eu desenhei um menino que foge para ser livre” (menina negra);

A maioria dos alunos da turma b12 desenharam o Menino Mestre e os animais que ele encontrou em sua fuga até o Quilombo dos Palmares, alguns alunos desenharam o navio negreiro e seus familiares sendo transportados da África para o Brasil e apenas um desenharam

Zumbi dos Palmares.

Apesar de terem realizado a mesmas atividades os conhecimentos adquiridos pelos alunos foram diferentes. Através da literatura os alunos trabalharam sobre como os negros vindos da África chegaram ao Brasil, como viviam aqui, aprenderam sobre a cultura afro-brasileira, como a capoeira, aprendem um pouco sobre a busca pela liberdade através dos Quilombos e passaram a ter conhecimento sobre algumas personalidades negras iniciando por Zumbi dos Palmares.

É importante mostrar aos alunos negros e não negros, a história afro-brasileira, mostrando a luta do negro pela sobrevivência, por melhores condições de vida e para que sua dignidade seja respeitada. De acordo com Silva:

“A presença do negro nos livros, frequentemente como escravo, sem referência ao seu passado de homem livre antes da escravidão e às lutas de libertação que desenvolveu no período da escravidão e desenvolve hoje por direitos de cidadania, pode ser corrigida se o professor contar a história de Zumbi dos Palmares, dos quilombos, das revoltas e insurreições ocorridas durante a escravidão; contar algo do que foi a organização sócio-político econômica e cultural na África pré-colonial; e também sobre a luta das organizações negras, hoje, no Brasil e nas Américas”. (SILVA, 2000, p.25)

Na quinta aula realizei com o auxílio dos alunos o reconto da história “O menino Mestre e o Rei Zumbi – a arte da capoeira” e após a interpretação da história oralmente, conversamos sobre os personagens e após entreguei aos alunos uma folha com perguntas para que os alunos pudessem responder:

- Qual o nome da História?
- O que era um navio negreiro?
- O que eram as Senzalas?
- O que era o Quilombo dos Palmares?
- Você já jogou capoeira? Conte como foi?

Algumas respostas foram bem embasadas nos conhecimentos que os alunos foram adquirindo durante o projeto:

O menino Mestre veio da África.

O navio negreiro é um barco que trazia os negros da África para o Brasil. ”

As senzalas era a onde os negros descansavam, depois de muito trabalho.

O Quilombo dos Palmares era o paraíso para onde os negros fugiam para não serem escravos. (Menina branca, turma b11)”

Os alunos começam a demonstrar através de suas frases que o conhecimento em relação a história afro brasileira está sendo ampliado.

O Menino Mestre veio da África, um lugar muito quente, com muitos animais, cachoeiras e o povo é muito pobre.

O navio negreiro era um navio que os negros vinham para serem escravizados. Os brancos chicoteavam os que não queriam trabalhar.

As senzalas era onde os negros descansavam, faziam suas culinárias e lembravam suas origens.

O Quilombo dos Palmares era o lugar para onde os refugiados iam para buscar suas origens e ser livres. (Menina negra, turma b11)

Alguns alunos demonstram ter um conhecimento um pouco maior que outros, o que demonstra que a utilização de diferentes mídias auxilia no processo de formação dos alunos.

O Menino Mestre veio da África, um lugar lindo, cheio de árvores que em alguns lugares tinha pouca água.

O navio negreiro era um navio que os brancos traziam os negros para o Brasil. Alguns negros se machucavam e até morriam de fome e sede. O navio era muito desconfortável.

As senzalas era onde os negros ficavam descansando para no outro dia poderem trabalhar.

O Quilombo dos Palmares era onde os negros que fugiam das fazendas ou das casas ficavam. Mas é claro que no Quilombo tinha algumas regras que todos tinham que cumprir.

Os africanos trouxeram a capoeira para o Brasil. Eu já participei de uma roda de capoeira com um monte de pessoas e foi incrível. (Menina branca, turma b11)

Nesta aula percebi que os alunos começaram a escrever a palavra negro sem constrangimento ou medo de magoar alguém.

O menino Mestre veio da África, um lugar muito quente, mas era um lugar onde os negros podiam ser livres.

O navio negreiro era um navio que os negros eram trazidos da África para o Brasil.

A senzala era um lugar que os negros eram obrigados a morar.

O Quilombo dos Palmares é um lugar que os negros que fugiam das fazendas iam para ser livres. (Menina negra, turma b12)

Os alunos também relataram sobre suas experiências sobre a capoeira:

Eu já joguei capoeira e foi muito legal. (Menino negro, b12)

Eu já joguei capoeira e foi muito bom. A capoeira também tem percussão e ginga. (Menina branca, turma b12)

Eu fazia capoeira e a capoeira me ensinou que não se deve resolver nada com agressão. (Menina branca, b12)

Jogar capoeira é muito divertido e a música é muito legal. (Menino branco, filho de mãe negra, turma b12)

Incluir o ensino da história e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares visando reparar e desconstruir a formação histórica social eurocêntrica transmitida no ambiente escolar, requer uma discussão diária onde alunos possam refletir e conhecer melhor a história da diversidade étnica existente no país, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

Para que isso aconteça é necessário que os currículos escolares sejam rediscutidos e neles sejam incluídos as africanidades brasileiras, conceituadas por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2000) como o conjunto das raízes da cultura brasileira que têm origem africana, os modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprios dos negros brasileiros, e de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia. Segundo ela:

Reivindicamos, nós afro-brasileiros, o estudo das Africanidades com o que os currículos escolares, em todos os níveis de ensino:

- valorizem igualmente as diferentes e diversificadas raízes das identidades dos distintos grupos que constituem o povo brasileiro;
- busquem compreender e ensinem a respeitar diferentes modos de ser, viver, conviver e pensar;
- discutam as relações étnicas, no Brasil, e analisem a perversidade da assim designada “democracia racial”;
- encontrem formas de levar a refazer concepções relativas à população negra, forjadas com base em preconceitos, que subestimam sua capacidade de realizar e de participar da sociedade, material e intelectualmente;
- identifiquem e ensinem a manusear fontes em que se encontram registros de como os descendentes de africanos vêm, nos

quase 500 anos de Brasil, construindo suas vidas e sua história, no interior do seu grupo étnico e no convívio com outros grupos;

- permitam aprender a respeitar as expressões culturais negras que, juntamente com outras de diferentes raízes étnicas, compõem a história e a vida de nosso país;

- situem histórica e socialmente as produções de origem e/ou influência africana, no Brasil, e proponham instrumentos para que sejam analisadas e criticamente valorizadas. (PETRONILHA, 2000, p.157)

Durante a 6ª Aula os alunos iriam assistir ao documentário: “África no Arquivo”, em DVD, na sala de vídeo e projeção que tem na escola, mas quando chegamos lá o computador não tinha entrada para DVD. Conversei com a vice-diretora pois já havia utilizado a sala antes para passar um vídeo para os meus alunos e o que a mesma relatou foi que o notebook que a escola tinha foi roubado e que o único aparelho disponível para colocar na sala de projeção de imagens, era uma CPU, como foi feito.

Segundo a vice-diretora da escola, todas as medidas necessárias foram tomadas, mas eles ainda aguardavam um retorno da SMED –Secretaria Municipal de Educação para saber o que deveria ser feito. A vice-diretora sugeriu que eu utilizasse a sala do laboratório de ciências que tinha um aparelho de DVD e uma televisão de tubo 52 polegadas. Quando chegamos no laboratório a televisão estava em bom estado, mas o aparelho de DVD não conseguiu fazer a leitura do DVD África no arquivo. Expliquei para os alunos o que havia acontecido, combinamos então de retornar para a sala de projeção e assistirmos algumas histórias no YouTube e que na próxima aula levaria o notebook para escola e passaria o DVD aos alunos.

Assistimos ao vídeo de "A cor da cultura" que reúne dois contos infantis de Joel Rufino dos Santos, sobre as tradições afro-brasileiras: A botija de ouro e o presente de Ossanha. A botija de ouro conta a história de uma escrava que encontrou uma botija de ouro e gerou a cobiça de seu dono. O Presente de Ossanha' conta a história de dois meninos e dois mundos distintos. Um negro, pobre, escravo e sem nome; o outro branco, com nome, rico e o direito de fazer do negrinho um 'brinquedo'. Ambas histórias trouxeram aos alunos informações da cultura africana. Após as histórias realizamos uma roda de conversa sobre as histórias e o conteúdo que estávamos estudando em aula.

Quando falamos em africanizades brasileiras, não podemos deixar de citar as religiões de matriz africana. Em um país que diz ser um estado laico, mas que nas escolas trabalha-se

quase todas as datas comemorativas católicas, onde muitas vezes nos estabelecimentos de ensino podem ser visualizadas imagens e símbolos católicos e ainda em algumas escolas chegam a fazer no início das aulas uma oração para iniciar as atividades do dia.

Não vemos as religiões de matriz africanas ineridas nos seus currículos. “O presente de Ossanha, assim como outras histórias que envolvem personagens ligados as religiões de matriz africana, é uma boa sugestão para tratar do assunto sem a intenção de doutrinar, mas sim informar, de trazer ao conhecimento do aluno e até mesmo de desmistificar frases do tipo “Batuque é coisa do demônio”. Como cita Silva (2005)

“Queremos afirmar que é possível tratar do assunto dentro de um processo cognitivo que não ponha em risco o caráter laico da escola pública. Isso significa dizer que defendemos a ideia de um programa educacional que ao tratar de cultura negra, em uma perspectiva absolutamente informativa e não doutrinária, contemple as mitologias e filosofias religiosas oriundas dos vários grupos étnicos africanos que compõem a sociedade brasileira, mesmo porque não existe cultura negra sem dimensão espiritual. Longe de cogitarmos um processo de doutrinação a partir das religiosidades africanas, para fazer frente à evangelização constante que ocorre nas escolas públicas, pretendemos e preferimos informar ao invés de doutrinar. Algumas experiências evidenciam que isso é possível”. (SILVA, 2005, p.125)

No entanto, para que isso aconteça é necessário que os professor e educadores em geral não só conheçam, mas respeitem todas as religiões, afinal de contas em um estado laico todas as religiões devem ser respeitadas. Sendo assim mais uma vez reitero que cabe ao poder público, além de propor cobrar a formação continuadas de todos os profissionais encolhidos no processo escolar.

Durante a sétima aula assistimos ao documentário “África no arquivo”, trouxe o meu notebook de casa, mas o projetor da escola não é com cabo HDMI então assistimos o documentário no notebook conectado a uma caixa de som e para que todos os alunos pudessem visualizar coloquei em cima da caixa. Após assistirmos ao documentário, conversamos sobre alguns assuntos relacionados ao mesmo, tais como o que é o Arquivo Público do Rio Grande do Sul, para que serve o arquivo, que tipo de documentos são guardados lá, História da escravidão no Rio Grande do Sul, contribuições africanas para a cultura nacional, etc.

Durante a conversa na turma B11, um aluno (menino branco) perguntou se era verdade que há alguns anos atrás as negras utilizavam o cabelo para lavar a louça. Perguntei a ele, onde tinha escutado isso e o mesmo sem se constranger disse que tinha assistido na televisão. Indaguei sobre em qual canal tinha sido e ele respondeu que não lembrava, os colegas acharam um absurdo a fala do garoto. Aconselhei o menino a não assistir mais tal canal, pois

estava passando notícias que não eram verdadeiras. Percebi claramente que o menino quis fazer uma piada. A algum tempo atrás e ainda nos dias de hoje, algumas pessoas chamam o cabelo de mulheres negras de Bombрил, atitude totalmente racista.

Após assistirmos ao documentário e realizarmos uma roda de conversa, os alunos fizeram o relatório por escrito da atividade, foram relatados nos textos da turma B11:

- O que é o Arquivo Público estadual?
- O que é o documentário África no Arquivo?
- Para que servem os documentos arquivados e conservados no Arquivo Público?
- De onde vieram os negros que foram escravizados no Brasil?
- Qual as quantidades de negros aproximadamente foram contrabandeadas durante o período da escravidão no Brasil?
- O que faziam os negros escravizados no Rio Grande do Sul?
- Quais as contribuições dos negros para a cultura gaúcha?

Percebe-se que os alunos começam a demonstrar preocupação pelos negros terem tido suas famílias desfeitas e terem sido obrigados a deixar suas casas para vir morar no Brasil. Os alunos já começam a externar o fato dos negros que foram obrigados a sair da África e vir trabalhar no Brasil, não serem escravos, mas serem pessoas negras que foram escravizadas no Brasil em função da sua cor da pele. Alguns alunos fazem relações da importância que os documentos guardados no Arquivo Público sobre o período da escravidão, são importantes para que não se tenha mais escravidão no Brasil.

Na turma B12 os alunos relataram sobre:

- O que é o Arquivo Público estadual?
- O que é o documentário África no Arquivo?
- Para que servem os documentos arquivados e conservados no Arquivo Público?
- De onde vieram os negros que foram escravizados no Brasil?
- O que faziam os negros escravizados no Rio Grande do Sul?

- Quis as contribuições dos negros para a cultura gaúcha?

Os alunos conseguiram perceber que o documentário foi feito por pessoas negras que falaram sobre sua cultura afro-brasileira e a importância de outras pessoas saberem sobre a mesma. A sala de aula e a escola no geral constituem um espaço de convívio social, no qual as crianças e adolescentes, não negros e negros principalmente, sentem dificuldade de consolidar, positivamente, sua identidade e sua autoestima.

Isto costuma acontecer principalmente em função de provocações, piadinhas, situações ou coisas pejorativas, como por exemplo a fala do aluno, citada acima, quando o mesmo questiona se é verdade que em tempos passados as mulheres negras utilizavam o cabelo para lavar a louça. Não é mais aceitável que atitudes como essas sejam vistas como brincadeiras. Cabe aos professores realizar atividades de conscientização e esclarecimento sobre o respeito as diferenças existentes na sociedade. Segundo Gomes (2008):

“Entender a dimensão do conflito e repensar a prática pedagógica com base nele, no sentido de exercitar uma postura ética poderá nos apontar para a liberdade, e não para o aprisionamento do sujeito no preconceito, na desigualdade, na discriminação e no racismo. A educação para as relações étnico-raciais que cumpre o seu papel é aquela em que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos negros e brancos, ao passarem pela escola básica, questionem a si mesmos nos seus próprios preconceitos, tornem-se dispostos a mudar posturas e práticas discriminatórias, reconheçam a beleza e a riqueza das diferenças e compreendam como essas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e de dominação. Em suma, os sujeitos de uma educação das relações étnico-raciais que se pauta na ética aprenderão a desnaturalizar as desigualdades e, ao fazê-lo, tornar-se-ão sujeitos da sua própria vida e da sua história e aprenderão a se posicionar politicamente (e não somente no discurso) contra toda a sorte de discriminação”. (GOMES, 2008, p.83)

A oitava aula foi uma pesquisa no laboratório de informática sobre:

- De onde vieram os negros que foram escravizados no Brasil?
- Em que condições estes negros foram trazidos e chegaram ao Brasil?
- O que foi a escravidão?
- Que leis abolicionistas ocorreram neste processo?

Na turma b11 os alunos apresentaram mais facilidade em pesquisar, utilizamos em média nove períodos de 45 minutos, pois os alunos tinham a liberdade de pesquisar em sites diversos. Na medida que os alunos iam realizando a atividade, também ia circulando entre

eles para acompanhar o desenvolvimento da mesma e auxiliar quando possível. Os alunos conseguiram analisar vários mapas sobre a vinda dos povos africanos para o Brasil, afirmando assim que a África é um continente e que os africanos que vieram para o Brasil vieram de vários países da África.

Já na turma b12 a atividade foi desenvolvida em doze períodos de 45 minutos, pois além de serem uma turma mais crítica, ainda apresentam dificuldades na linguagem escrita, o que dificulta um pouco a pesquisa. A turma à medida que ia analisando os mapas queria debater com os outros colegas sobre os países encontrados. A turma apresentou facilidade em responder à questão sobre como os negros eram trazidos para o Brasil, demonstraram um conhecimento maior em relação aos navios negreiros, como eram as condições de transportes dos negros. Percebe-se claramente a partir do conhecimento que os alunos demonstram que a lei 10.639/03 não está sendo aplicada como deveria, pois, os alunos continuam reproduzindo os conhecimentos em que o negro é visto como o escravo, a vítima, aquele que teve que abdicar de suas características culturais para sobreviver.

Durante a pesquisa no laboratório o aluno da turma B12 viu-se a imagem de uma embarcação com os negros enrolados em sua maioria em panos e na mesma imagem dois homens com roupas, e indagou por que ele estava de roupa e os outros não. Expliquei aos alunos que a maioria dos negros que eram capturados eram despojados de suas roupas e eventuais pequenos pertences que ainda carregassem consigo, que provavelmente as pessoas que estavam com roupas eram os donos do navio negreiro.

Diante deste contexto, pode ser visto que atividades de pesquisa são muito importantes, é interessante antes de levar os alunos para o laboratório de informática ter trabalhado sobre o tema antes, para que os alunos não se percam no meio de tantas possibilidades que o mundo virtual possui. Como cita Moran (1997):

“Ensinar utilizando a Internet pressupõe uma atitude do professor diferente da convencional. O professor não é o “informador”, o que centraliza a informação. A informação está em inúmeros bancos de dados, em revistas, livros, textos, endereços de todo o mundo. O professor é o coordenador do processo, o responsável na sala de aula. Sua primeira tarefa é sensibilizar os alunos, motivá-los para a importância da matéria, mostrando entusiasmo, ligação da matéria com os interesses dos alunos, com a totalidade da habilitação escolhida”. (MORAN, 1997. p.4)

Na nona atividade os alunos fizeram a leitura silenciosa do texto “Patrimônio imaterial afro-brasileiro”, do livro didático “A conquista – Ciências Humanas e da natureza”. Após fez a leitura explicativa e dialogada. Os alunos listaram outras contribuições e manifestações

culturais afro-brasileiras que eles conheciam. As contribuições foram listadas no quadro e a partir delas os alunos criaram um caça-palavras que pode ser trocado com outro colega que teve que encontrar as respostas.

Na turma B11 os alunos listaram as palavras: Abayumi, acarajé, atabaque, baobá, batuque, berimbau, candomblé, canjica, capoeira, chocalho, dendê, feijoada, Kululu, tambor de crioula, Simamaka, turbante. Das palavras citadas algumas eles lembraram de histórias que já haviam sido trabalhadas em sala de aula.

A turma B12 demonstrou um conhecimento um pouco maior sobre a cultura afro-brasileira, alguns alunos disseram que sua religião era o “Batuque” e contribuíram um pouco mais com a listagem de palavras. As palavras citadas pela turma B12 foram: abada, acarajé, afoxé, agogô, amalá, baba de moça, Bará, candomblé, capoeira, caruru, cocada, feijoada, fubá, mungunzá, quilombo, samba, sarapatel, Umbanda, vatapá, etc.

Pode-se dizer que ao falarmos do patrimônio imaterial afro-brasileiro, estamos falando das africanidades brasileiras, já descritas nesta pesquisa, entendidas como as representações, as expressões, os conhecimentos, os saberes como também os instrumentos, os objetos, os artefatos e os espaços culturais associados a esses que a comunidade negra reconhece como parte de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração a geração, é constantemente recriado pela comunidade e pelos grupos em resposta aos seus ambientes, suas interações com a natureza e suas histórias, bem como seu sentido de identidade e continuidade, promovendo desse modo o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana.

Trabalhar com esta temática no ambiente escolar é de suma importância para que os alunos negros tenham sua identidade respeitada e os não negros passem a conhecer a cultura africana e de seus descendentes. De acordo com Gonçalves e Silva

“Estudar as Africanidades Brasileiras significa tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e de lutar pela dignidade² própria, bem como pela de todos descendentes de africanos, mais ainda de todos que a sociedade marginaliza. Significa também conhecer e compreender os trabalhos e criatividade dos africanos e de seus descendentes no Brasil, e de situar tais produções na construção da nação brasileira”. (GONÇALVES E SILVA, 2000, p.156)

A décima atividade realizada foi um jogo. Apresentei aos alunos o jogo “As viagens do Tambor” (Figura E), mostrei as peças do jogo, explicando cada uma delas, expliquei os objetivos e as regras que iríamos seguir.



(FIGURA E - Alunos jogando o jogo “As viagens do tambor”)

Fonte: dados do experimento realizado pela autora

O jogo As Viagens do Tambor foi confeccionado pelo Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS, é um rico material em informações sobre a cultura negra em Porto Alegre. Se trata de um jogo de tabuleiro que consiste em encontrar respostas para três questionamentos:

- Para onde foi o tambor?
- Quem ele encontrou?
- Qual prática cultural foi realizada?

Durante a realização do jogo fiz algumas gravações e tirei algumas fotos com o aparelho celular. Com as fotos e filmagens montei um vídeo misturando imagens e vídeos das duas turmas, o vídeo pode ser acessado em :< <https://youtu.be/xuBDds3GqiQ>>. Ao final do jogo os alunos fizeram um relatório por escrito do jogo. O relatório foi realizado em folha xerocada em papel A4, onde os alunos responderam: nome do jogo, qual o número de participantes da sua equipe, quem venceu o jogo, o que achou do jogo, além de responder as perguntas fundamentais do jogo:

- Para onde foi o Tambor?
- Quem o tambor encontrou?

- Qual a prática cultural foi vivenciada?

Além de responderem as perguntas os alunos desenharam um local, um personagem ou uma prática cultura negra.

Na turma B11 o jogo foi realizado em duas partidas de 14 alunos, sendo que os alunos jogaram em duplas. O jogo transcorreu normalmente e à medida que iam encontrando as respostas demonstravam mais gosto pela atividade. Ao fazer o relatório, os alunos demonstraram seus anseio e preocupações em relação aos negros e a cultura negra, o que pode ser identificado em frases como:

“Eu achei muito legal para jogar, pois mostra coisas que as pessoas nem ligam” (menina branca)

“Eu achei legal porque fala da cultura negra em Porto Alegre” (menino branco)

Além de escreverem o que acham do jogo os alunos representaram através de desenhos algo do jogo que mais lhe chamou atenção. Os desenhos foram: Dona Iara Deodoro, Vó Chica, Mestre Griô Elaine, Mãe Rita, Professora Petronília, Lupicínio Rodriguez, Igreja do Rosário, Bará do Mercado, Pegada Africana e o Tambor.

Com a turma B11 consegui montar vídeo, mostrar aos alunos e trazer uma das idealizadoras do jogo, a Mestre Daniele Vieira (Figura F), para uma roda de conversa com a turma. Os alunos fizeram várias perguntas que foram respondidas pela mesma.

Na turma B12, o jogo foi realizado em dois grupos de 8 alunos, os alunos também formaram duplas para jogar. Como a turma é um pouco mais agitada, tiveram alguns contratempos, pois os mesmos não tinham entendido muito bem que tinham que responder as perguntas do jogo e que parecia um jogo da trilha, mas na verdade é mais um jogo de detetive. Ao fazer o relatório os alunos demonstraram ter gostado do jogo, mas na hora de relatar por escrito não deram muitas justificativas. Quando assistiram o vídeo, os alunos ficaram muito felizes, alguns acharam engraçado e outros disseram que é muito bom ver seus amigos no YouTube.



(FIGURA F - Alunos em uma roda de conversa com a Mestra Professora Daniele Vieira)

Fonte: dados do experimento realizado pela autora

Ao fazerem o relatório com desenho do que mais gostaram, os alunos da turma B12 representaram: Nilo Feijó, Príncipe Custódio, Giba Giba, Vó Chica, Oliveira Silveira, Igreja do Rosário e Restinga (um dos territórios negros representados no jogo e o local onde moram os alunos que frequentam a escola em que o projeto foi desenvolvido).

Este jogo é um excelente instrumento para trabalhar a cultura negra, em especial a cultura negra dentro de Porto Alegre, através da utilização de jogos, podemos propiciar aos educandos vivenciar situações diversas, no caso deste jogo, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer sobre personalidades negras, territórios negros, praticas culturais da comunidade negra, enfim, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam ao aluno uma vivência, permitindo assim atividades físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulem as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas. De acordo com Vygotsky (1984)

“É na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva. Na visão do autor a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras”. (Vygotsky, 1984, p. 27)

Durante a décima primeira atividade os alunos fizeram a leitura silenciosa do texto “Falando de Quilombos”, do livro didático “A conquista – Ciências Humanas e da natureza”.

Após os alunos lerem o texto, expliquei cada parágrafo deste fazendo uma relação dos quilombos no passado com os quilombos no presente. Os alunos responderam as atividades do livro didático e entregaram somente o registro das respostas em forma de frases.

Nas duas turmas, as atividades transcorreram normalmente e os alunos não fizeram muitos questionamentos. Após a atividade conseguimos realizar no outro dia uma visita ao Quilombo dos Alpes em Porto Alegre. A atividade foi realizada com as duas turmas juntas, os alunos participaram de um café oferecido pelos quilombolas, conheceram a geografia do local através de uma caminhada (FIGURA G) e escutaram histórias de Dona Edwiges Francisca Garcia (FIGURA H), fundadora do quilombo, as histórias foram contadas pela griô Janja, pode se dizer com certeza que a parte que mais envolveu os alunos, foi as histórias contadas pela griô.

Através de suas histórias, os griôs são os grandes responsáveis por manter a cultura africana que não se restringe apenas aos contos populares, mas também pode abranger os textos épicos. Não só nos quilombos, como em outros territórios negros podemos encontrar griôs, ou idosos, avós, mulheres e caçadores que também poderão ter a habilidade de recontar histórias e canções. Ao contar suas histórias os griôs buscam passar ensinamentos a quem os ouve, fazendo com que os mesmos se sintam pertencentes ao que estão escutando.



(FIGURA G - Caminhada pelas Terras do Quilombo dos Alpes/ FIGURA H –Conversa com a Griô Janja)

Fonte: dados do experimento realizado pela autora

Durante o ano letivo de 2018, um grupo de alunos da turma B11 criou um grupo no

WhatsApp para conversas e esclarecimento das aulas. Aproveitando o grupo que já existente convidei os alunos da B12 e formamos um grupo único das duas turmas.

Na décima segunda atividade propus aos alunos que criassem uma playlist de músicas afro-brasileiras, explicando o nome da música, quem canta e que enviasse o áudio da música. Com as músicas que os alunos enviaram via WhatsApp fiz uma playlist em papel pardo com os nomes das músicas e de quem canta atualmente. Através de votação as turmas escolheram três músicas mais votadas, em grupos os alunos criaram uma programação de rádio, seguindo um roteiro entregue por mim, escolhendo também um nome para rádio e os locutores, que gravaram as mensagens que foram utilizadas para a rádio.

Utilizando o aplicativo para celular Editor de Vídeo MP3, gravei as vozes dos alunos e montamos um programa de rádio. Após concluído os alunos escutaram e através de uma conversa informal relataram o que acharam da atividade. Durante a realização da atividade, percebi que a maioria dos alunos não tinham acesso à internet e que alguns nem celular tinham.

Da turma B11, 19 de 30 alunos não participam do grupo no WhatsApp, alguns não tem telefone, outros não tem acesso à internet, outros os pais não deixam baixar WhatsApp no celular e alguns não tem celular. Da turma B12, 15 de 25 alunos não participam do grupo de WhatsApp. Alguns não tem acesso à internet, mas, a maioria nem celular tem.

A turma B11 nomeou a radio como Rádio Raça Negra, as músicas escolhidas foram: Pesadão – Iza, com participação especial Marcelo Falcão, Afro-brasileiro -Thaide & Dj Hum e África – Fernanda Brum. A mensagem inicial foi: “Bom dia meninos e meninas! Estamos aqui mais uma vez com a Rádio Raça Negra”. Sobre as diferenças raciais os alunos escolheram a mensagem: “Cada um tem sua cor, seus traços e seu jeito de cabelos. No mundo tem muito preconceito com os negros. Os negros sofreram muito com a escravidão. Chega de racismo!”. A mensagem final foi: “Bom dia! Fiquem com Deus! Até a próxima Rádio Raça Negra!

A turma B12 nomeou a radio como Rádio Só Toca Top, as músicas escolhidas foram: Pesadão – Iza, com participação especial Marcelo Falcão, Raiz de todo Bem – Saulo e Afro brasileira – Marly Tavares Silva. A mensagem inicial foi: “Boa tarde galera! Aqui quem fala é da Rádio Só toca Top”. Sobre as diferenças raciais os alunos escolheram a mensagem: “Hoje estamos aqui para falar sobre preconceito. Nunca deixe uma pessoa falar mal de você. Se você

se conhece exija respeito. Respeitem as diferenças! A mensagem final foi: Boa tarde, galera! Até outro programa da Rádio Só Toca Top. E lembrem-se Racismo não é legal! ”.

O rádio que muitas vezes é utilizado só para escutar músicas, pode ser um excelente instrumento de construção e divulgação do saber, assim como um aliado na valorização e divulgação de diferentes culturas presentes diariamente na sociedade brasileira. Acerca disso afirma Gonçalves e Azevedo (2004, p.3 e 4)

“Então essa foi uma das atividades os alunos tiveram a missão de pesquisar e produzir um programa de rádio com curiosidades sobre a cultura afro-brasileira. Foi uma atividade considerada satisfatória, pois se mostrou eficiente aos propósitos da atividade desempenhando um papel formador, informador e comunicador, ganhando sentido e servindo à comunidade escolar como um todo (Gonçalves e Azevedo, 2004, p.3 e 4)”.

Ao pesquisarem, planejarem, organizarem o programa de rádio que tinha como temática a cultura negra, os alunos tiveram que se comunicar, expressar suas ideias, participando e discutindo sobre elementos relacionados a cultura que seriam relevantes ao produto final. No caso a Rádio.

Durante a décima segunda atividade os alunos também assistiram ao vídeo “Heróis de todo o Mundo”; Disponível em :< <https://youtu.be/96UrHx2juMU>>. Após realizamos uma roda de conversa com os alunos sobre as personalidades que apareceram no vídeo, sobre a importância que os negros têm para a formação cultural do Brasil. Logo após, os alunos utilizaram recortes de jornais, revistas e materiais impressos que trouxeram de casa, de pessoas negras que contribuíram ou contribuem de alguma forma para a formação cultural do povo brasileiro, para construir cartazes que ficaram expostos na sala de aula.

Na turma b11 aos alunos assistiram ao vídeo e confeccionaram os cartazes sem fazer questionamentos. Na turma B12 o vídeo foi muito discutido, pois ao perceberem que o vídeo era sobre personagens negros, os alunos começaram a citar o nome de outros personagens negros que fazem parte da história do Brasil, dentre eles citaram o nome de um jogador, muito conhecido no cenário de futebol que alguns alunos disseram que era negro, mas um aluno disse que não, pois o mesmo era moreno.

Expliquei aos alunos que o termo moreno, em se tratando de raças relacionadas a grupos humanos não existe, e que segundo o IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Cor ou Raça, é conceituada como característica declarada pelas pessoas de acordo com as seguintes opções: branca, preta, amarela, parda ou indígena. Os alunos então começaram a dizer o que achavam que eram.

Um aluno com características físicas de uma pessoa negra, disse que era branco. O colega que estava ao seu lado disse que ele era negro. Intervi na situação explicando que no Brasil as pessoas se autodeclararam a partir de suas características físicas e em algumas vezes de acordo com as características físicas de seus antepassados. Mas questionei o aluno por que ele se achava branco, o mesmo relatou que a mãe dele era branca e que se a sua mãe era branca, ele também era branco.

Os alunos acabaram se agitando, pois queriam que o colega dissesse que era negro, alguns me pediam para eu falar a verdade ao colega, que ele era negro. Deixei que outros colegas falassem sobre suas identidades raciais e uma menina aparentemente loira de olhos azuis disse que era parda, questionei por que ela achava que era parda e a menina disse que se considerava parda por que de acordo com as explicações que eu havia dado ela só podia ser parda, pedi que explicasse e ela explicou dizendo que seu pai era branco de olhos azuis como o dela, mas a mãe era pretinha, então expliquei que o pardo era a mistura do branco e do negro, pois ela se considerava negra.

Retornei ao aluno negro, disse a ele que era negro e o mesmo continuou afirmando que era branco. Encerrei o assunto explicando que no Brasil as pessoas se auto declaram de acordo com suas características físicas e de acordo com as características de seus familiares. O aluno em questão mora com pais separados, o pai é negro e não convive com o aluno, a mãe é branca assim como os seus familiares e convivem com o aluno. O aluno criou uma identidade com a família branca.

Historicamente a raça negra vem sendo associada a aquilo que não é bom. Sobre a raça negra foram sendo desenvolvidos vários mitos negativos, além disso não há dúvidas que a maioria dos casos de racismo que acontecem são em função da pele negra, traços, cabelo crespo, etc. Em função disso construir uma identidade negra não é muito fácil. Atitudes como a do menino negro que se diz branco, acontecem diariamente.

Na décima terceira atividade desenvolvida na sala da informática, os alunos fizeram a leitura do livro: “O menino de todas as cores” (Livro em PDF). Após a leitura os alunos desenharam a parte que mais gostaram da história utilizando o Tux Paint⁴; com o auxílio da professora e do estagiário da sala de informática, todos os desenhos foram salvos em pendrive e impressos posteriormente, para que em sala de aula os alunos utilizassem para fazer a

⁴ Disponível em: <http://tuxpaint.org/>

interpretação oral da história e preencher a ficha de leitura.

Com os desenhos dos alunos foi confeccionado um cartaz que ficou em exposição na sala. A atividade foi desenvolvida por ambas as turmas sem que os alunos fizessem questionamento.

A décima quarta atividade desenvolvida foi uma aula sobre racismo, onde os alunos fizeram a leitura silenciosa do texto “Racismo”, depois fiz a leitura explicativa e dialogada e os mesmos responderam um questionário escrito sobre o texto.

Na turma B11 ao relatarem sobre o que acham do racismo os alunos disseram que achavam feio, que as pessoas que sofriam racismo se sentiam mal, que não faz bem as pessoas, que devemos respeitar as diferenças das pessoas, que racismo é crime, que todos somos diferentes e devemos nos respeitar, etc. Através de registro por escrito relatam que:

“Eu acho que o racismo é muito feio, pois devemos respeitar as diferenças das pessoas, ninguém é igual. Deus fez cada um do seu jeito e com certeza não deve gostar de racismo.” (Menina branca)

“Eu acho o racismo desnecessário, porque não devemos ficar julgando as pessoas por causa de sua cor” (menino branco)

“Eu acho muito feio o racismo, porque é muito chato chamar as pessoas de negro” (menino negro).

Na turma B12, talvez por serem uma turma com a maior quantidade de alunos que se declararam negros, acabaram restaurando casos de racismo que sofreram, as meninas que em sua maioria tem cabelos crespos e utilizam eles das mais diversas maneiras, mostrando-se já empoderadas e com uma identidade negra bem positivada, relataram vários casos de colegas que falavam de seus cabelos, mas que já não estavam mais. Além dos casos de racismo sofridos, os alunos relataram que o racismo não tinha lógica, que não achavam que era racismo dizer que uma pessoa negra é negra, que é uma coisa feia, que não é legal, que muitas pessoas cometem racismo.

Através de registros por escrito relatam que:

“Eu acho que o racismo não deveria existir, por que cada um tem sua cor de pele, mas acho que se uma pessoa chama outro de negro e a pessoa é negra não é racismo.” (Menino

branco)

“O racismo é uma coisa muito grave, a pessoa que sofre racimo pode levar para o coração e ficar magoada e se a pessoa não gostar, deve ir na delegacia e fazer uma queixa. O racismo é um crime.” (Menina que se declara parda)

“Eu acho que o racismo é uma coisa muito feia, acho que as pessoas devem se colocar no lugar das pessoas que sofrem racismo, por que se fosse com elas também não iriam gostar. (Menina branca)

Realizei com os alunos um debate sobre os estudos realizados até o momento e os alunos escreveram textos sobre os conhecimentos trabalhados. Os registros por escrito das atividades desenvolvidas serviram para montar um álbum que será exposto durante a Semana da Consciência negra em novembro.

6.1. Análise e discussão dos resultados do questionário entregue aos professores

Durante o mês de setembro solicitei a 20 professores da rede municipal de Porto Alegre, que respondessem a um questionário sobre a Lei 10.639/2003 e sua aplicabilidade através das mídias. Destes, apenas 14 retornaram com o questionário respondido. O questionário foi enviado por e-mail, mas os professores tiveram a liberdade de devolver impresso, por e-mail, WhatsApp, Messenger, etc.

Ao analisar os questionários percebe-se que os professores conhecem a lei 10.639/2003, sabem que ela foi modificada pela Lei 11.645/2008, mas tem dificuldade em colocar a mesma em prática. As dificuldades apresentadas variam, alguns alegam que não trabalham a temática envolvendo a cultura africana e afro-brasileira nas escolas pois falta um planejamento coletivo, outros alegam que não conhecem a cultura africana e afro-brasileira, outros dizem não saber como integrar os seus conteúdos com a temática e por isso acabam trabalhando apenas nas datas comemorativas. A maioria dos professores concorda que a trajetória do negro deva ser abordada como conteúdo, nas várias áreas que possibilita tratar esse assunto, mas reconhecem que acabam abordando a temática no Dia da Abolição da Escravatura, em agosto (mês do folclore) e/ou no Dia da Consciência Negra.

Quando se fala em Planejamento Curricular as opiniões são bem diversas. Para alguns dos entrevistados, o planejamento Curricular da escola é construído baseando-se na metodologia que trata positivamente a diversidade racial, visualizando e estudando as verdadeiras contribuições de todos os povos, outros citam que o planejamento se baseia nas contribuições das culturas europeias representadas nos livros didáticos, que ainda são muito utilizados pelas escolas devido à falta de recursos⁵. Também há aqueles que apenas apresentam aos alunos informações sobre os indígenas e negros brasileiros, nas datas comemorativas.

Quando os professores entrevistados se referem ao racismo, eles concordam que ele deve ser tratado pedagogicamente pela escola, mas já existem professores que defendem que além de ser tratado pela escola, o mesmo deve ser abordado pelos movimentos sociais e quando acontecer algum caso evidente na escola, outros órgãos devem ser comunicados. Eles defendem que o racismo é um crime que influencia na sociedade em geral e para tanto deve ser tratado como tal.

A escola é um local onde acontecem muitos casos de racismo, e analisando as respostas sobre como os professores lidam com tais casos, percebe-se que não existe uma regra, os professores agem de acordo com suas convicções e como acham correto, não existe uma postura a nível institucional, no caso da escola não existe uma decisão de grupo (Gonçalves et al., 2008). As medidas tomadas são as mais diversas, alguns buscam ouvir as pessoas que foram ofendidas e intensifica o trabalho em sala de aula sobre o tema, outros retomam com os alunos sobre os valores e preconceitos que produzimos, o porquê e qual a origem desses pensamentos, há quem reavalia a sua prática refletindo sobre valores e conceitos que traz absorvidos sobre o povo negro e sua cultura, repensando suas ações cotidianas, pois acredita que o diálogo deve ser sempre prioridade em todas as práticas pedagógicas.

Também existem aqueles que procuram informar que racismo também é um tipo de violência contra a pessoa explicando que a pessoa que se sentiu ofendida é um ser humano igual a todos, existem os professores que não se envolvem e encaminham os envolvidos ao Serviço de Orientação educacional da escola, pois não se acham preparados para resolver conflitos desse tipo, etc. Existem uma infinidade de ações sendo realizadas para reprimir os

⁵ Educação etnocêntrica ou antirracista. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/educacao-etnocentrica-ou-antirracista/>

casos de racismo, assim como existem professores que procuram não se envolver alegando que são apenas transmissores do conteúdo dos livros didáticos e materiais pedagógicos.

Em sua maioria, os professores acreditam que as questões raciais devam ser discutidas e inseridas no planejamento das atividades escolares de uma forma contextualizada na realidade do aluno, levando-o a fazer uma análise crítica dessa realidade, afim de conhece-la melhor e comprometendo-se com sua transformação, mas alguns relatam que muitas vezes a escola se isenta de seu papel, em alguns casos tal comportamento se dá por acharem que a escola não tem possibilidade de incidir sobre o assunto⁶.

Até o ano de 2017, os alunos da rede municipal de Porto Alegre, eram dispensadas todas as quintas-feiras duas horas antes, para que os professores pudessem realizar suas reuniões pedagógicas, a carga horária devida era paga durante a semana, pois, nos demais dias os alunos tinham meia hora a mais de aula para repor a carga horária de quinta-feira. Em 2017 o então secretário de educação de Porto Alegre, Adriano Naves de Brito modificou a rotina dos alunos, proibindo que os alunos saíssem mais cedo as quintas-feiras, reduzindo assim a carga horária dos alunos durante os outros dias, fazendo com que os mesmos tivessem apenas quatro horas diária de aula.

Tal mudança, segundo os professores inviabilizou as reuniões pedagógicas semanais, pois as escolas não têm professores suficientes em seus quadros para ficar com os alunos, de forma que seus professores possam realizar suas reuniões semanais. A não realização das reuniões pedagógicas, segundo alguns professores também é um empecilho para o desenvolvimento de um projeto que contemple a cultura negra. Algumas vezes no ano à medida que surgem cursos externos, os professores que tiverem interesse participam. Fora isso, há um grupo considerável de professores que diz que ainda não houve um momento para a temática ser estudada.

Apesar da falta de reunião ser um dos motivos mais citados, existem outros motivos que segundo os entrevistados dificulta a aplicação da lei 10.635/03, dentre eles está a omissão por parte dos educadores que optam por trabalhar estas temáticas somente nas datas comemorativas, apesar de saber que as questões étnicas raciais devem ser trabalhadas no decorrer do ano letivo visando resgatar e valorizar as diferentes culturas que fazem parte da

⁶ Referencial Curricular da Rede Pública Estadual para o Ensino Médio, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/210603047/2-1-competencias-e-habilidades-a-serem-desenvolvidas-no-ensino-medio>

formação do nosso país. Alguns citam que não está claro nos planejamentos ou no Projeto Político Pedagógico da escola.

A falta de esclarecimentos e reuniões pedagógicas para falar sobre a temática, dá margem para que alguns professores tomem iniciativas individuais (que no todo são poucos), e não para tomada de decisão do coletivo, o que seria o ideal para maior eficácia da aplicação da lei. Outro empecilho citado é a falta de conhecimento da cultura afro e a falta de informação a respeito, de como se sente uma pessoa negra no nosso país, seja da classe social que for. Não se fala abertamente sobre a negritude de cada um de nós e como encaramos o preconceito e a discriminação. Sempre se fala do outro porque é mais fácil do que olhar para si mesmo. Segundo uma das entrevistadas:

“A resistência da grande maioria dos professores em abordar em suas aulas, incluir em seus planejamentos a Lei 10.639/3 das Diretrizes Curriculares Nacionais regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da Cultura afro-brasileira e Africana ao longo do ano letivo é alarmante. Segundo levantamento internos e conversas informais nas escolas, não existe um Projeto Pedagógico ao longo do ano e a temática é apenas desenvolvida na semana da Consciência Negra para ser apresentada em dia próximo ao dia 20 de novembro. As falas são: “Que droga que tem que trabalhar isso! Vou parar tudo o que estou fazendo e vou trabalhar essa temática para apresentação. Eu não trabalhei ainda, nada a respeito! Eu não sei como incluir nas minhas aulas esse tema”... Deveria ter apenas o Dia da Consciência Humana! E o dia do Branco, quando é! Poderia ter alguém para dar umas dicas do que trabalhar, pois minha matéria não trabalha isso! A fulana trabalha isso muito bem, ela deve ter trabalho para expor... São colocações que estão em total desacordo com a Lei e deixa claro a ausência de uma supervisão que aponte a falta dessas questões no planejamento, que acompanhe trabalhos realizados ao longo do ano e da equipe que não propõe momentos de discussões para criar projetos na escola.”

Para trabalhar as questões raciais, os professores geralmente utilizam as mídias que a escola possui, tais como televisão, dvd, rádio, vídeo, computadores com acesso à internet, sala de projeção multimídia, livros didáticos e livros de literatura. Sendo o mais utilizado o vídeo e os computadores da sala de informática. Das entrevistas recolhidas, uma professora disse que utiliza as dissertações, palestras, participação em seminários e comissões especiais da câmara de vereadores e da assembleia legislativa, contato permanente com movimentos sociais como base para o planejamento de suas aulas. Apesar das dificuldades de se desenvolver o tema a temática está sendo desenvolvida. Alguns professores citaram atividades que foram

desenvolvidas na escola ou em outras escolas que os mesmos trabalham, tais como:

- Uma das atividades desenvolvidas foi uma visita ao Parque Farroupilha (Redenção) para conhecer os diversos espaços e monumentos do local. Antes de ir ao Parque os alunos e alunas tiveram acesso a textos informativos sobre o parque, no parque todos fizeram registros fotográficos com celulares e estes foram explorados na volta para escola em sala de aula. Após a visita ao parque os alunos os alunos realizaram uma roda de discussão sobre suas impressões e após uma pesquisa no laboratório de informática sobre cada um dos monumentos visitados, onde foi constatado que no local denominado como Espaço Lanceiros negros deveria existir um monumento. Um palestrante foi convidado para falar sobre o tema.
- Os alunos construíram um Painel denominado “Contribuições culturais dos povos que formaram o Rio Grande do Sul”: as informações foram baseadas nos estudos dos livros disponíveis na escola e os negros foram incluídos no painel não somente como escravos, mas a partir de sua cultura trazida da África.
- Projeto Afroativos: o projeto é desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint Hilarie, no bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, o mesmo visa valorizar a história da cultura negra e combater o preconceito, através da discussão e do desenvolvimento de atividades de conscientização. Reúne crianças para falar de representatividade. A responsável e criadora do projeto é professora Larisse Moraes.
- Produção Textual sobre a morte de Mariele Franco: aproveitando o conhecimento dos alunos, a professora fez uma listagem de itens sobre os quais os alunos poderiam utilizar para escrever um texto, os alunos citaram sobre a violência que está acontecendo no Rio de Janeiro, O que é e o que deve fazer um vereador, o que são os direitos humanos, o que é racismo, etc. A partir da listagem de dados e discussão dos mesmos cada aluno pode fazer seu próprio texto.
- Sequencia Didática Menina Bonita do Laço de Fita: Após contar para os alunos a história, Menina Bonita do Laço de Fita foi trabalhado sobre as diferenças, preconceitos, famílias e da vida de cada um baseado na história da menina. Os alunos não se dão conta da origem de cada um de nós e que o tom de pele nos diferencia, mas, também nos identifica. Eles já trazem arraigados o preconceito na hora de pintar

um desenho ou de falar de um personagem. Ao se verem, muitas vezes, não se reconhecem na sua cor, na sua pele, no seu corpo. Então entra o trabalho de discussão e análise da história relacionando com o cotidiano de cada um.

- Confecção de mascaras africana: A atividade foi desenvolvida com alunos do Ciclo C sobre a contribuição dos Negros na Cultura. Foram confeccionadas Máscaras Africanas com material de Sucata, Papel Colorido e Tintas. As máscaras africanas originárias do continente africano, berço da humanidade, tem vários significados sociais, mas não menos misteriosos, podem servir para rituais de passagem, como a transição de um jovem para a vida adulta, casamentos, cerimônias fúnebres (enterros), festividades das mais diversas e também para a guerra. Com a confecção das máscaras africanas, buscou-se compreender um pouco mais sobre a belíssima história ancestral da Mãe África.
- Projeto sobre o Racismo: o trabalho foi desenvolvido para possibilitar a vivência da formação positiva da identidade negra a partir do reconhecimento e da interação dos (as) afro-brasileiros (as) na história de nosso país. Inicialmente realizou-se um debate sobre a existência do racismo e das sensações por ele produzidas. Em conjunto chegou-se à conclusão que havia a necessidade de realizar um estudo sobre o tema racismo. Na discussão inicial ficaram evidentes as opiniões que expressavam, em sua maioria, as inquietações advindas do senso comum: “Eu não sou negro, mas sei o que é racismo. ”; “Tu és negro aço! ”; “Negão, se não suja na entrada, vai suja na saída. ”; “Não pode mais fala isso, viu! ”; “Tem muito nego racista. ”; “Eu e minha mãe não somos negros. A família do meu pai é do cabelo ruim.”. No Laboratório de Informática os alunos assistiram a vários vídeos: de campanha institucional disponível no Youtuber. Após participaram de contações de várias histórias, tais como: “O casamento da princesa” (fantoques); os cabelos de Lelé (animação audiovisual); “O Vestido da Princesa”, história popular africana (data show); vídeo ilustrativo a partir do Rap de Gabriel Pensador, “Racismo”; também, “Menina bonita do laço de fita”, disponível de forma narrada na web. Trabalhou-se a imagem positivada do negro com imagens de revistas e reportagens de jornais. Ao longo do projeto trabalhou-se com alguns conceitos: Racismo; Identidade cultural; Zumbidos Palmares; Dandara; Perfil de beleza; Direitos Humanos; Equidade; Justiça Social. Valemo-nos do dicionário e também do debate para o melhor entendimento dos conceitos em questão. Inventariamos diferentes livros de

história/didáticos/paradidáticos, classificando-os entre aqueles que potencializavam ou não a participação de negros/negras em nossa história. Durante o projeto buscou-se através de imagens representar a falta da vivência dos Direitos Humanos tais como fotos do bairro, gravuras de livros e recortes de revistas e/ou jornais; relacionando-os com a equidade e a justiça social. Com esse material foi confeccionado um grande painel e a partir da análise dele foi construído um texto coletivo. O projeto também contou com a participação de colaboradores (as). Do grupo de teatro “Caixa Preta”, que apresentou uma (re) leitura de variadas letras de Rap. Finalizando esse projeto de trabalho, a turma recebeu Ana Terra, autora do livro “Sai para lá”, por ocasião do projeto “Adote um Escritor”. Nesta ocasião foi apresentado o autorretrato individual, construído por cada um (a) dos (as) alunos (as) de forma customizada (tinta guache, purpurina, lantejoula, lã, confete, palitinhos, colagem de diferentes papéis, algodão)

- Projeto “Esta é a minha cor”: A partir de histórias e vídeos no youtube trabalhou-se sobre o tema biografias a partir de personalidades negras. O projeto foi desenvolvido com turmas de 3º ano do ensino fundamental. Após assistir os vídeos e histórias cada aluno foi fotografado com um aparelho celular, após o rosto de cada aluno foi impresso e os mesmos tiveram que reproduzir seus rostos em papel ofício utilizando o giz de cera cor de pele da Print Cor. Com os desenhos dos alunos confeccionou-se um painel (Figura I - Painel Essa é a Minha Cor). A partir de revistas e jornais os alunos pesquisaram qual tem sido o papel do negro no Brasil e confeccionaram um painel sobre as personalidades negras brasileiras (Figura J – Painel Negros que se destacam no Brasil). O objetivo do trabalho foi proporcionar atividades que permitissem aos alunos desconstruir a figura do negro como alguém destituído de possibilidades, conhecer personalidades negras que contribuíram para a história brasileira, refletir sobre a importância da nossa identidade, reconhecendo talentos e capacidades independentes da cor, dialogar sobre o dia-a-dia e a maneira como as crianças vivenciam problemas relacionados ao racismo, confeccionar um material ilustrado para dividir com a comunidade escolar.



(Figura I - Painel Essa é a Minha Cor. Figura J- Painel Negros que se destacam no Brasil)

Fonte: dados do experimento realizado pela autora

O racismo infelizmente ainda está presente em nosso cotidiano, com isso, sempre surgem conflitos em sala de aula pautados por esta crítica que, muitas vezes, são reflexos de atitudes vivenciadas por nossos alunos dentro e fora da escola. Cabe a nós educadores, colocarmos em prática o que diz a lei 10.639/03, e através do desenvolvimento de atividades interdisciplinares, trabalhar a cultura africana e afro-brasileira conscientizando a todos envolvidos no processo educativo a importância do negro para a construção histórica da nação brasileira, positivando a imagem do negro estaremos contribuindo para que práticas racistas não aconteçam.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Esse foi o nosso melhor trabalho”, tais palavras foram ditas por uma menina negra durante a exposição dos trabalhos que foram desenvolvidos durante este projeto. “Esse foi meu melhor passeio”, palavras ditas por um menino branco, ao final do Passeio ao Quilombo dos Alpes, uma das atividades desenvolvidas”. Eu achava que era branco, mas agora já sei que sou pardo”. Essas e tantas outras frases me fazem retomar a importância deste e de tantos outros projetos que buscam através da Lei 10.639/03, inserir a história da cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares com o objetivo de conscientizar alunos negros e não negros sobre a importância do negro para a formação histórica da sociedade brasileira, é dever da escola que prepara seu aluno para viver em uma sociedade justa e equânime.

A utilização das mídias no processo de conscientização e valorização da cultura africana e afro-brasileira se faz necessária, pois é através dela que as informações chegam a nossos alunos e também é através da mesma que a comunicação acontece. A partir de outros projetos de pesquisa analisados, percebe-se que existem muitas opções de atividades que podem ser realizadas para que a lei 10.639/03 seja efetivamente colocada em prática.

Neste experimento realizado com os alunos do quarto ano dos anos iniciais do ensino fundamental, podemos comprovar que as relações étnicas raciais no ambiente escolar ainda acontecem a partir de práticas eurocêntricas. Através das atitudes e das falas dos alunos observadas no início do projeto em relação a identidade racial e práticas racistas, que foram sendo modificados durante o mesmo, podemos verificar a importância de se desenvolver atividades sobre a temática para positivar a identidade negra e evitar práticas racistas.

Ao analisar os questionários dos professores, percebe-se que conhecem o conteúdo da lei 10639/03, modificada pela lei 11.645/08, mas não conhecem a cultura africana e afro-brasileira, conseqüentemente acabam reproduzindo a educação eurocêntrica que receberam. O Planejamento Curricular não deixa claro como a História da Cultura Africana e Afro-brasileira deve ser incluída nas atividades diárias. A falta de um horário para planejamento pedagógico coletivo e a falta de informação sobre a temática faz com que continuem com as atividades que já faziam antes da promulgação da lei de 2003, realizando atividades sobre o 13 de maio e sobre o dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra.

Junto a tudo que já foi dito em relação a formação dos professores, temos outros agravantes que são os poucos recursos que a escola possui. Dividir entre várias turmas uma sala de informática que muitas vezes, os alunos tem que trabalhar em duplas em função do número reduzido de equipamentos, conseguir agendar um horário na sala de projeção para

assistir vídeos ou projetar imagens, encontrar uma literatura disponível na biblioteca que possa ser utilizada por todos os alunos, utilizar o próprio celular como ferramenta pedagógica e a própria internet, visto que a escola não possui banda larga, entre outras coisas, acabam dificultando a aplicação da lei de fato.

Neste contexto cabe ao poder público realizar ações para melhorar a infraestrutura da escola, propor, disponibilizar um horário e cobrar que reuniões pedagógicas sejam realizadas periodicamente, também propor, ofertar e cobrar que cursos de formação sobre a Cultura africana e afro-brasileira sejam realizados. Além disso, facilitar para que professores compartilhem experiências já realizadas que estão dando certo.

A ausência de uma educação antirracista, faz com que casos de racismo acabem acontecendo e não sejam esclarecidos como deveriam, além de não serem vistos como crime passando a ser encarados como simples brincadeiras. Quando isso ocorre não é só a criança negra que perde, perde também a criança não negra que deixa de receber o ensinamento que deveria ser não só da escola, como da família que é preparar o cidadão para uma sociedade equânime e justa, sociedade onde as relações éticas raciais realmente aconteçam e a diversidade racial, de gênero, social e religiosa realmente seja respeitada.

A partir do pensamento acima é importante socializar os projetos que vem acontecendo dentro e fora das escolas com o objetivo de efetivar a aplicação da lei a qual este projeto se refere, existem várias atividades sendo desenvolvidas sobre a temática, algumas delas já descritas aqui. É importante deixar claro que só se trabalha o dia da consciência negra, quando não se trabalha a consciência negra.

Para finalizar o estudo gostaria de dizer que futuramente pretendo desenvolver uma pesquisa com a mesma temática, mas voltada para a formação de professores

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ativos na luta contra o racismo - Jornal do Comércio. Disponível em:https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/2018/05/cadernos/empresas_e_negocios/6_25028-ativos-na-luta-contra-o-racismo.html. Acesso em 2/11/2018

AZEVEDO e GONÇALVES. O rádio na escola como instrumento de cidadania uma análise do discurso da criança envolvida no processo. Trabalho apresentado no congresso ALAIC' 2004.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003a. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: outubro 2018

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acessos em: outubro 2018.

CARVALHO, R. As tecnologias no cotidiano escolar: possibilidades de articular o trabalho pedagógico aos recursos tecnológicos. Secretaria da educação, PDE, 2009.

CAVALLEIRO, Eliane. Discriminação Racial e Pluralismo Nas Escolas Públicas da Cidade de São Paulo. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei 10.639/03. Brasil. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. MEC. 2005, p. 65-104.

Conceitos. Instituto Brasileiro de geografia e Estatísticas. Disponível em:<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicao_de_vida/indicadores_minimos/conceitos.shtm>. Acesso em: novembro de 2018.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas / Antônio Flávio Moreira, Vera Maria Candau (orgs.). 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GONÇALVES, F. L. C.; WANZELER, V. S.; ROCHA, H. S. C. O papel da escola na desconstrução do racismo, preconceito e discriminação: a Fomentação Profissional dos Educadores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Presidente Castelo Branco. Brasil escola, 2008.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: Um Breve Perfil Na Literatura Infanto-Juvenil. In: Munanga, Kabengele. Superando o Racismo na escola. 1ª edição / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2000.

MORAN, José Manuel. Relatos de experiências-Como utilizar a internet na educação. Disponível em:< <file:///C:/Users/Positivo/Documents/leitura/moran%202018-.pdf>>. Acesso em 15/11/2018.

MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na escola. 1ª edição / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2000.

PEDROSA, N. B.; ISOBE, R. M. R.; DAMANTE, L. O.; Silva, I. L.; Oliveira, M. R.; Oliveira, L. A. Educação, cultura, diversidade e formação docente. 22 Congresso Internacional ABED de educação a distância, 2016.

ROCKERS, P.C.; RØTTINGEN, J.A.; SHEMILT, I.; TUGWELL, P. e BÄRNIGHAUSEN, T. Inclusion of quasi-experimental studies in systematic reviews of health systems research. Health Policy, v. 119, n. 4, p. 511-521, 2015.

SILVA, Nelson Fernando Inocencio da. Africanidade E Religiosidade: Uma Possibilidade De Abordagem Sobre As Sagradas Matrizes Africanas Na Escola. In: Munanga, Kabengele. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de

Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005

SOARES, LUISA DUCLA. História Do Dia: Meninos De Todas As Cores. Disponível em:<https://pt.slideshare.net/cruzluc/meninos-de-todas-as-cores-7243302>. Acesso em :24/11/2018.

WAINER, J. Métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a Ciência da Computação. **Atualização em informática**, p. 221–262, 2007.

APÊNDICE A - Questionário semiestruturado para professores

Questionário semiaberto para os professores

Declaro para os devidos fins que este questionário se refere à pesquisa elaborada pela acadêmica Kátia Flores Fontoura, para preparo do seu Trabalho de Conclusão de Curso, junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, CINTED, pelo que estou datando e assinando este Termo de autorização, inclusive para a publicação dos resultados deste seu trabalho.

Data: ____/____/____ Assinatura _____

1. Resumidamente, comente o que você sabe sobre a lei 10.639?

2. Como a trajetória histórica do negro é abordada em suas aulas:

- No Dia da Abolição da Escravatura, em agosto (mês do folclore) e/ou no Dia da Consciência Negra;
- Como conteúdo, nas várias áreas que possibilitam tratar o assunto.
- Não é estudada;

3. De que forma o racismo deve ser tratado e discutido?

- Pedagogicamente pela escola;
- Pelos movimentos sociais;
- Quando acontecer algum caso evidente na escola;

4. O Planejamento curricular de sua escola baseia-se em que?

- Baseia-se nas contribuições das culturas europeias representadas nos livros

didáticos;

() Constrói-se baseado em metodologia que trata positivamente a diversidade racial, visualizando e estudando as verdadeiras contribuições de todos os povos;

() Procura apresentar aos alunos informações sobre os indígenas e negros brasileiros;

5. Em caso de ocorrência de um caso de racismo em sua escola, qual sua posição adotada?

() Posiciona-se de forma neutra quanto às questões sociais. É o transmissor de conteúdo dos livros didáticos e manuais pedagógicos;

() Reavalia sua prática refletindo sobre valores e conceitos que traz absorvidos sobre o povo negro e sua cultura, repensando suas ações cotidianas;

() Tem procurado investir em sua formação quanto às questões raciais;

() Outros

Especifique:

6. Como as questões raciais são discutidas e inseridas no planejamento das atividades escolares?

() É feito de forma generalizada, pois a escola não tem possibilidade de incidir muito sobre ele;

() É contextualizado na realidade do aluno, levando-o a fazer uma análise crítica dessa realidade, a fim de conhecê-la melhor, e comprometendo-se com sua transformação;

() Não é considerado assunto para a escola;

1. Como as questões raciais são discutidas entre o grupo de professores?

() Alguns professores falam da questão racial em determinadas etapas do ano letivo;

() Existe resistência dos professores para tratar a questão racial com relação à luta contra todas as formas de injustiça social;

() Existe um trabalho coletivo sobre a questão racial com a participação de todos, inclusive da direção e dos funcionários;

2. Os professores participam de alguma formação ou reunião pedagógica para estudos sobre questões raciais?

() Algumas vezes no ano fazemos cursos ou grupos de estudo sobre a questão racial;

() Ainda não tivemos a oportunidade de estudar a questão;

() Procuramos incorporar o assunto nas discussões de reuniões pedagógicas, grupos de estudo e momentos de formação;

3. Quais os recursos que a escola dispõe para auxiliar na construção de atividades relacionadas às questões étnico raciais:

() Televisão;

() Dvd;

() Rádio;

() Vídeo;

() Computadores com acesso à internet;

() Tablets com acesso à internet;

() Sala de Projeção multimídia;

() Livros Didáticos;

() Livros de Literatura;

() Outros:

4. Você costuma inserir as mídias digitais e não digitais disponíveis escola

em seu planejamento das atividades para as relações ético raciais

- Sim, procuro planejar as atividades com mídias;
- Às vezes, sempre que posso, utilizo o vídeo ou informática para apresentar materiais para os alunos;
- Não, costumo utilizar as mídias mais como forma de entretenimento para os alunos;
- Não

5. **Na sua opinião quais são os maiores empecilhos para o planejamento**

6. **Resumidamente descreva uma experiência sua no combate ao racismo dentro da escola utilizando as mídias (rádio, televisão, vídeos, livros, revistas, jornais, etc.) como auxílio na elaboração deste processo:**

APÊNDICE B - PROJETO CONSCIÊNCIA NEGRA

1. Público alvo: alunos do 4º ano do Ensino Fundamental dos Ciclos de Formação

2. Área do conhecimento: Português, História e Geografia;

3. Objetivos Gerais:

3.1 conhecer e valorizar as origens dos negros que vivem no Brasil, ampliando os conhecimentos sobre a cultura africana para saber que muitos dos nossos costumes vieram dos negros, desenvolvendo atitudes de respeito pelas diferenças e combatendo atitudes racistas

4. Objetivos específicos:

- 4.1. Escrever textos sobre conhecimentos adquiridos;
- 4.2. Conhecer alguns costumes e curiosidades sobre a África;
- 4.3. Participar de debates e rodas de conversa sobre conhecimentos adquiridos;
- 4.4. Realizar relatórios por escrito e através de desenhos;
- 4.5. Utilizar o computador para realizar pesquisas;
- 4.6. Identificar a localização da África no mapa-múndi;
- 4.7. Participar de contações de histórias com livros de leitura impressos e em PDF;
- 4.8. Interpretar diferentes portadores de texto oralmente e por escrito;
- 4.9. Assistir a filmes e documentários na sala de vídeo e projeção;
- 4.10. Conhecer o processo de escravização no Brasil até a abolição da escravatura;
- 4.11. Utilizar o aparelho celular para enviar áudios via WhatsApp, escutar músicas e utilizar aplicativos de gravação e edição de áudios;
- 4.12. Utilizar o livro didático como ferramenta de estudos;
- 4.13. Conhecer o patrimônio imaterial afro-brasileiro;
- 4.14. Identificar os territórios negros em Porto Alegre, manifestações culturais e personalidades negras;

- 4.15. Conceituar Quilombo;
- 4.16. Identificar personalidades negras do território nacional e internacional;
- 4.17. Construir painéis com recortes de revistas, jornais e materiais impressos,
- 4.18. Conceituar racismo e práticas racistas;
- 4.19. Posicionar-se criticamente ao racismo;

5. Justificativa de trabalho: A importância do projeto se dá a partir da necessidade de se debater e refletir sobre as diferenças raciais e a importância de cada um no processo de construção de nosso país, estado, município e comunidade. Com o objetivo de combater qualquer forma de preconceito e racismo se faz necessário conhecer a história da África e sua relação com a história brasileira. O desenvolvimento de atividades utilizando os diferentes recursos e ferramentas didáticas propicia que um maior número de alunos adquira o conhecimento de uma maneira sólida, podendo participar de uma forma consciente de atividades de conscientização e valorização da cultura negra, tornando-se um formador e multiplicador de informações positivas sobre as relações étnico raciais.

6. Metodologia:

6.1. O Projeto privilegiará a realização de atividades interdisciplinares, nas quais o educador irá mediar o processo de ensino-aprendizagem, fornecendo aos alunos ferramentas e orientações por meio dos seguintes métodos: Relatórios por escrito, filmes, debates, pesquisas no laboratório de informática da escola ,localização cartográfica, Hora do conto , interpretação da história oral e por escrito, desenho, produção textual , Roda de conversas, utilização de aplicativos de celular, gravações de áudios, Jogos de tabuleiro, uso do livro didático, construção de painéis , análise de documentários ,leitura informativa, leitura dialogada , leitura explicativa ;audição de músicas ,construção de cartazes e montagem de álbum de atividades desenvolvidas;

6.2 Atividades:

1ª Aula

-A professora entregará para os alunos uma folha onde os alunos deverão relatar por

escrito seus conhecimentos prévios sobre: África, escravidão no Brasil, cultura afro-brasileira, personalidades negras e escravidão.

A atividade deverá ser entregue para a professora.

Modelo da Atividade:

1)Escrever um texto explicando o que você sabe sobre: África, escravidão no Brasil, cultura afro-brasileira, personalidades negras e racismo:

2) Ilustrar um dos temas:

Avaliação da professora: _____

_____ Conceito: _____

2ª Aula

-Na sala de vídeo os alunos assistirão o Filme: Kiriku os homens e as mulheres;

Disponível em :< <https://youtu.be/WoblEGQkkXg>>

-Em sala de aula a professora abrirá uma roda de conversa sobre o filme onde os alunos dirão fatos que aconteceram no filme, onde se passa a história, características dos

Modelo da atividade:

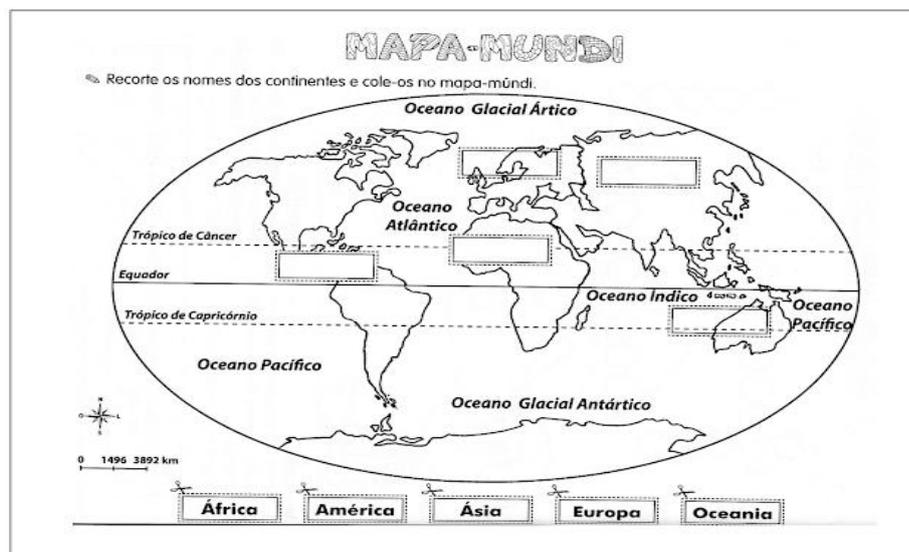
1) Pesquisar no Wikipédia e completar:

- a) A África é o _____ continente mais extenso.
- b) É o _____ continente mais populoso da Terra.
- c) Apresenta grande diversidade _____, _____, _____ e _____.
- d) O _____ na Líbia é conhecido por ser o mais quente deserto do mundo.
- e) As _____ ou quedas de Vitória são uma das mais espetaculares quedas d'água do mundo.
- f) A maior parte da população africana é constituída por diferentes povos negros, mas há expressiva quantidade de brancos. Os grupos mais importantes são: _____, _____, _____ e os _____.

-Em sala de aula os alunos deveram colorir o mapa-múndi e completar com o nome dos seis continentes;

Modelo de atividade:

2) Recorte o nome dos continentes e cole no mapa-múndi:



-Hora do conto: O menino Mestre e o Rei Zumbi – a arte da capoeira;

-Interpretação oral da história;

-Desenho sobre a história em folha A4, utilizando o Giz de cera cor de pele (Projeto Uniafro);

5ª Aula

-Reconto da História “O menino Mestre e o Rei Zumbi – a arte da capoeira” com o auxílio dos alunos;

-Interpretação por escrito;

Os alunos deverão responder a questões sobre a história e entregar para professora.

Modelo da atividade:

1) Qual o nome da história? _____

2) De onde veio o Menino Mestre? Como era este lugar _____

3) O que era um navio negreiro? _____

4) O que eram as Senzalas? _____

5) O que era o Quilombo dos Palmares? _____

6) A capoeira é uma expressão cultural brasileira que mistura arte marcial, esporte, cultura popular e música. Desenvolvida no Brasil por descendentes de escravos africanos, é

caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando primariamente chutes e rasteiras, além de cabeçadas, joelhadas, cotoveladas, acrobacias em solo ou aéreas. Você já jogou capoeira? Conte como foi:

6ª Aula :

-Assistir ao documentário “África no Arquivo”, em DVD, na sala de vídeo da escola;

-Realizar uma roda de conversa com os alunos;

-Os alunos deverão fazer um relatório por escrito do documentário assistido com no mínimo 10 linhas e entregar para a professora:

7ª Aula:

-Propor aos alunos uma pesquisa sobre a “História da escravidão de negros no Brasil”. A pesquisa será realizada em duplas no laboratório de informática e deverá ser registrada em papel A4. Os alunos poderão escolher o site que irão realizar a pesquisa.

Os alunos deverão pesquisar sobre os seguintes tópicos:

a) De onde vieram os negros que foram escravizados no Brasil;

b) Em que condições estes negros foram trazidos e chegaram ao Brasil;

c) O que foi a escravidão;

d) Que leis abolicionistas ocorreram neste processo;

TAREFA PARA CASA: Os alunos deverão pesquisar músicas que trate de assuntos relacionados a cultura afro-brasileira e enviar como áudio via WhatsApp para a professora.

8ª Aula:

-Os alunos deveram fazer a leitura silenciosa do texto “Patrimônio imaterial afro-brasileiro”, do livro didático “A conquista – Ciências Humanas e da natureza”. Após a professora fará a leitura explicativa e dialogada.

-Os alunos deveram listar outras manifestações que eles conhecem que fazem parte das contribuições de descendência africana;

Exemplos:

a) Na alimentação: vatapá, acarajé, pamonha, mugunzá, caruru, quiabo e chuchu. Temperos como a pimenta, leite de coco e o azeite de dendê;

b) No aspecto religioso: o candomblé, a umbanda, a quimbanda e o catimbó. Algumas divindades religiosas africanas ligadas às forças da natureza ou a fatos do dia a dia foram aproximadas a personagens do catolicismo. Por exemplo, Iemanjá, que para alguns grupos étnicos africanos é a deusa das águas, no Brasil foi representada por Nossa Senhora. Xangô, o senhor dos raios e tempestades, foi representado por São Jerônimo, etc.;

c) Na música: o samba, afoxé, maracatu, congada, lundu, a capoeira, o jongo, etc.;

c) Na dança: a umbigada, são também elementos culturais provenientes dos africanos.

As palavras citadas serão listadas no quadro e os alunos deverão copiar, após escolher dez palavras e criar um caça-palavras que será trocado com outro colega que deverá encontrar as palavras. A atividade deverá ser entregue para a professora.

9ª Aula:

- A professora irá apresentar o “Jogo do tambor” aos alunos, explicar o objetivo e as regras do jogo. Os alunos se dividirão em duplas ou trios e o jogo será realizado de uma forma coletiva. Ganhará o jogo a Equipe que encontrar as repostas do jogo primeiro.

OBS: O jogo as viagens do tambor é um jogo rico em informações sobre a cultura negra em Porto Alegre, é um jogo de tabuleiro que consiste em encontrar respostas para três questionamentos:

1) Para onde foi o tambor?

2) Quem ele encontrou?

3) Qual prática cultural foi realizada?

-Ao final do jogo os alunos deverão fazer o relatório por escrito do jogo;

O relatório será realizado em folha xerocada em papel A4 que deverá ser entregue para a professora.

Modelo de atividade:

1) Nome do Jogo: _____

2) Participantes de sua equipe: _____

3) Participantes da equipe vencedora: _____

4) Para onde foi o Tambor? _____

5) Quem o tambor encontrou? _____

6) Qual a prática cultural foi vivenciada? _____

7) O que você achou do jogo? _____

Representar através de desenho uma prática cultural ou local representativo da cultura negra:

10ª Aula

- Os alunos farão a leitura silenciosa do texto Falando de Quilombos do livro didático “A conquista – Ciências Humanas e da natureza”;

-A professora fará a leitura dialogada e explicativa do texto;

- Os alunos responderão as atividades do livro didático e entregarão somente o registro das respostas em forma de frases para a professora;

11ª Aula

-Com as músicas que os alunos enviaram via WhatsApp a professora fará uma playlist em papel pardo com os nomes das músicas e de quem canta atualmente;

-Será realizada uma votação e a turma irá escutar as três músicas mais votadas;

-Os alunos serão divididos em 4 grupos e deverão criar uma programação de rádio. Os mesmos deverão seguir o roteiro que será entregue pela professora em folha xerocada em papel A4:

Modelo de atividade:

Nome da rádio: _____

Locutores: _____

Saudação inicial: _____

Mensagem sobre o respeito as diferenças: _____

Nome de 3 músicas que serão tocadas:

1º _____

2º _____

3º _____

Agradecimentos: _____

-Utilizando o aplicativo para celular Editor de Vídeo MP3, a professora irá gravar com os alunos algumas falas, conforme as atividades forem sendo realizadas e montar um programa de rádio.

Após concluído os alunos deverão escutar e ao término dirão o que acharam sobre a atividade.

TAREFA PARA CASA: Os alunos deverão pesquisar em jornais, revistas ou sites imagens de personalidades negras e o que elas representam ou representaram, recortar ou imprimir e trazer para a escola.

12ª Aula

-Assistir ao vídeo “Heróis de todo o Mundo”; Disponível em :<
<https://youtu.be/96UrHx2juMU>>

-Realizar uma roda de conversa com os alunos sobre as personalidades que apareceram no vídeo, sobre a importância que os negros têm para a formação cultural do Brasil;

-Os alunos deverão montar mini cartazes com os recortes de jornais e revistas de personalidades negras que trouxeram de casa, com algumas informações sobre os mesmos.

13ª Aula

-Na sala de informática os alunos farão a leitura do livro: “O menino de todas as cores” (Livro em PDF);

-Os alunos deverão desenhar a parte que mais gostaram da história utilizando o Paint; com o auxílio da professora e do estagiário da sala de informática, todos os desenhos serão salvos em pendrive e impressos posteriormente.

-Na sala de aula os alunos deverão fazer a interpretação oral da história;

-Os alunos deverão preencher a ficha de leitura que será entregue pela professora:

Modelo de atividade:

Ficha de leitura

Título: _____

Autor (a) _____

Ilustrador (a): _____

Editora: _____

O mundo não é dividido entre pessoas brancas e pretas. Existem pessoas de diversas cores. Você faz parte dessa mistura de cores. Desenhe você e um colega seu no quadro abaixo:

14ª Aula

-Os alunos deverão fazer a leitura silenciosa do texto “Racismo”. Após a professora fará a

leitura explicativa e dialogada.

RACISMO

O Racismo é a discriminação social baseada no conceito de que existem diferentes raças humanas e que uma é superior às outras.

O racismo é um crime previsto na Constituição Federal, promulgada no dia 5 de outubro de 1988, é inafiançável e imprescritível.

Crime inafiançável é aquele que não cabe fiança e não prescreve nunca. Se o crime for praticado nessa data, a vítima não tem prazo para responsabilizar o autor do crime.

A pessoa que se sentir vítima de racismo ou discriminação racial tem que encontrar uma testemunha, dirigir-se a um distrito policial, narrar o ocorrido à autoridade policial, que lavrará o fato e , depois , um Boletim de Ocorrência ou um Termo Circunstanciado. Também poderá procurar o representante do Ministério Público – órgão federal que defende os interesses da sociedade e zela pelo respeito à lei – para que, se confirmado o crime de racismo ,ingresse com as medidas legais cabíveis. Poderá, também, constituir advogado(a).

A pessoa que for vítima de injúria real, por tratar-se de um crime de ação privada, a vítima deverá constituir um(a) advogado(a), que ingressará com o processo. A vítima tem o prazo de seis meses para propor a ação a partir da data da ocorrência do crime.



-Os alunos irão responder um questionário sobre o texto:

Responder:

1)O que é racismo? _____

2)O racismo é crime? _____

3)O que é crime inafiançável e imprescritível? _____

4)O que uma pessoa que se sentir vítima de racismo deve fazer? _____

5) O que você acha do Racismo ?Por quê? _____

Profª Kátia Flores

15ª Aula

-A professora fará com os alunos um debate sobre os estudos realizados durante a realização do projeto, após entregará os alunos deverão rescrever o texto que escreveram na primeira aula do projeto

-Os alunos receberam as atividades realizadas durante o projeto, deverão montar um álbum e usar a criatividade e construir a capa do mesmo.

7. Menção recursos e espaços a serem utilizados para consecução do projeto: Folha xerocada, sala de aula, sala de vídeo e projeção, Datashow, tela de projeção, youtube, giz de cera profissional PintKor, giz de cera comum, lápis de cor, sala de informática, computadores, Wikipédia, mapa-múndi xerocado, Livro de literatura: menino mestre e o Rei Zumbi-a arte da capoeira, DVD Africano Arquivo, aparelho celular, WhatsApp, Livro didático: A conquista-Ciências humanas e da natureza, quadro negro, giz, jogo do tambor, papel pardo, pincel atômico, caixa de som, cabo P2femea e RCA, gravador de voz, Editor de vídeo MP3, jornais, revistas, material impresso, papel color set, cola, tesoura, livro em PDF: O menino de todas as cores, texto xerocado :O racismo, colchetes;

8. Delineamento inicial do plano de estudos necessário ao docente para encaminhamento do projeto, bem como possibilidades de articulação do trabalho proposto com outras áreas do conhecimento: O projeto poderá ser articulado com outras disciplinais.

Na Educação física a professora poderá propor aos alunos uma roda de capoeira ou de danças de origem africana;

Na aula de artes poderão confeccionar instrumentos ou máscaras de origem afro-brasileira.

Em matemática poderão fazer atividades com gráficos, tabelas, pesquisas, etc.

9. Resultados esperados com a realização do projeto com os alunos:

Espera-se que a partir das atividades realizadas os comportamentos negativos que as crianças têm em relação a diversidade racial e a cultura afro-brasileira sejam reduzidas e que as relações etnicoraciais sejam mais positivas.

Através dos recursos de mídias que serão utilizados espera-se que os alunos se apropriem das ideias discutidas com maior interesse.

10. Avaliação:

Os alunos serão avaliados diariamente através de observações das atitudes em

aula e registro das atividades por escrito que serão entregues a professora.

Os conceitos utilizados serão:

A- Atingiu os objetivos;

B- Atingiu parcialmente os objetivos;

C- Não atingiu os objetivos;

11. Referências (conforme ABNT):

Filme Kiriku os homens e as mulheres. Disponível em :< <https://youtu.be/WoblEGQkkXg>> Acesso em:18/08/2018.

Continente Africano. Disponível em :< <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica>> .Acesso em 17/08/2018.

KLAITY, Mestre. O menino mestre e o rei Zumbi a arte da capoeira. Mestre Klaity e Cássia Luz; ilustrado por Giana Lorenzini. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

Africano Arquivo.Dvd distribuído pelo Arquivo público do Rio Grande do Sul.

A conquista das Ciências Humanas e da Natureza,3º ano: Ensino fundamental: anos iniciais/ Leandro Pereira de Godoy...[et al.].1 edição. São Paulo: FTD,2014. (Coleção a Conquista).

Capoeira Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Capoeira> Acesso em:15/08/2018;

PINTO, Tales. Influência africana na cultura brasileira. Tales Pinto Disponível em:< <https://escolakids.uol.com.br/influencia-africana-na-cultura-brasileira.htm>>. Acesso em:15/08/2018.

Heróis de todo mundo. Reeditado por Alberto Araújo. Disponível em :< <https://youtu.be/96UrHx2juMU>>. Acesso em :16/08/2018.

ESPÍ, Pilar. Vivendo a diversidade – cultura afro-brasileira. Pilar Espí. Volume 2, Editora Fapi